ZEN
INSTANTÂNEO
DESPERTANDO
NO PRESENTE
THOMAS CLEARY
AMADEU ANTÓNIO

Zen Instantâneo: Despertar no Presente
Copyright © 1994 por Thomas Cleary. Traduzido do chinês original.
Nenhuma parte deste livro, exceto para breves citações em recensões, pode ser reproduzida em qualquer forma sem a permissão escrita do editor. Para mais informações, contactar **North Atlantic Books**.

Publicado por
North Atlantic Books
P.O. Box 12,317
Berkeley, CA 94712

Índice

Introdução . . . vii
Palestras Zen
Liberdade e Independência . . . 3
As Doenças do Zen . . . 4
Enfrentando Diretamente . . . 6
Ver e Fazer . . . 10
A Medula dos Sábios . . . 13
Não Saber . . . 15
Emancipação . . . 16
Suspender Opiniões . . . 18
O Diretor . . . 21
Poupar Energia . . . 25
A Abordagem Mais Direta . . . 27
Adormecido . . . 28
Não Ver . . . 29
Independência . . . 30
Em Harmonia . . . 31
Aprender Zen . . . 32
Os Estalos da Consciência . . . 33
Estar Apenas Presente . . . 35
Duas Doenças . . . 36
A Própria Mente . . . 38
Ver Através . . . 39
Falar Eficazmente . . . 42
Realização Despida . . . 43
Ver a Mente . . . 45
Descoberta . . . 48
Mostrar a Verdade . . . 49
O Zen Real . . . 50
Assombro . . . 54
Apenas Isto . . . 57
Continuar a Evoluir . . . 61
Aprovação . . . 65
Autoconhecimento . . . 68
Dar um Passo Atrás e Ver . . . 70

De Ponta a Ponta . . . 74
Compreender Tudo . . . 76
Procurar sem Procurar . . . 78
Realidade Original . . . 80
Mesma Realidade, Sonhos Diferentes . . . 82
Vigiar-se a Si Mesmo . . . 84
Compreender Imediatamente . . . 86
Iluminação Instantânea . . . 88
Mestria Zen . . . 91
Igualdade . . . 93
Olhos Claros . . . 95
Encontrar Certeza . . . 96
Obter Compreensão . . . 99
Princípio e Fenómenos . . . 101
Chaves da Mente Zen . . . 103
Meditação Sentada . . . 111
Notas . . . 115
Apêndice: Cântico da Confiança no Coração . . . 131
Bibliografia . . . 137

Introdução

«Enquanto esperamos persistentemente que as tecnologias de amanhã resolvam os nossos problemas», escreve Robert V. Adams, CEO da Xerox Technology Ventures e presidente da World Business Academy, «frequentemente damo-nos ao mesmo tempo a olhar para trás, reexaminando a sabedoria antiga sobre como compreender e desfrutar de nós próprios e dos outros no processo.»

À medida que a relevância prática da sabedoria antiga para os problemas modernos se torna cada vez mais evidente, cresce a necessidade de recuperar esses ensinamentos essenciais de camadas de sobreposição cultural, embelezamento e declínio histórico. Quer estejamos simplesmente interessados em desenvolver a visão cosmopolita própria de cidadãos do mundo, quer estejamos também interessados em filosofia superior e pensamento livre, hoje já não é plausível considerar as tradições de sabedoria mundial como domínio de cultistas esotéricos e intelectuais marginais.

O esforço de extrair conhecimento útil e procedimentos pragmáticos do saber antigo é uma marca da ciência original da mente conhecida como Zen. Embora muitos sectarismos e cultos tenham acabado por crescer em torno dos vestígios do Zen original, regra geral, esses desdobramentos regressaram ao mesmo tipo de religiosidade sentimental e autoritarismo dogmático que o Zen original rejeitava, tornando-os inúteis, até contraproducentes, no caminho da libertação da mente Zen.

A essência do Zen original é a **compreensão de si** e a **realização de si**. Na terminologia clássica do Zen, este desenvolvimento chama-se atingir o potencial máximo e a função máxima. É concebido como uma espécie de libertação e uma espécie de despertar, que as muitas técnicas da arte mental Zen foram concebidas para provocar e desenvolver.

A compreensão Zen da condição humana é que habitualmente nos enredamos em todo o tipo de impasses devido à nossa vulnerabilidade às influências das mudanças externas e internas. O cerne do problema parece ser a falta de fluidez, uma espécie de rigidez na forma como vemos o mundo e pensamos nele.

Numa famosa parábola Zen, somos como alguém num barco que pensa que a margem do rio se está a mover. Uma observação mais atenta revela que é o barco que se move, resultando numa perspetiva em mudança. De modo semelhante, através da compreensão Zen podemos observar as mudanças nos nossos corpos e mentes que fazem com que a nossa visão do mundo e os nossos sentimentos em relação aos outros oscilem de tempos a tempos, alterando as nossas reações e comportamentos. Assim podemos ganhar uma perspetiva suplementar sobre nós e sobre as nossas vidas, um ponto de vista mais objetivo, menos distorcido por preconceitos não examinados e correntes internas não detetadas, e assim dominar o nosso próprio potencial.

Qual é o verdadeiro eu que o Zen procura compreender e realizar? «Dizer que é como alguma coisa», respondeu um antigo mestre, «seria falhar o alvo.» Afinal, uma descrição não é o próprio eu; o Zen procura um conhecimento direto que deve ser experimentado por si mesmo. O uso da teoria Zen e das fórmulas de concentração é despertar esta faculdade latente, ao mesmo tempo que permite monitorizar o seu desempenho tanto de forma racional como intuitiva.

Muitos ditos famosos do Zen ilustram o paradoxo aparente do eu: tão próximo e ainda assim tão subtil e inescrutável para si próprio. «Embora esteja em uso há muito tempo, quando questionado, ninguém sabe o que é.» O que é isto? «Todos o usam todos os dias, sem se darem conta.» Como tomar consciência disso e como usar essa consciência como base para dominar o seu uso é a tarefa da realização Zen.

Pode dizer-se, portanto, que o objetivo do Zen é despertar o eu e desenvolvê-lo até um grau de maturidade que não seja ditado apenas por necessidades físicas ou sociais. Isto envolve a descoberta interior e a capacitação de um núcleo autónomo de consciência subtil, inteligente, que supervisiona e harmoniza as facetas instintivas, emocionais, sociais e intelectuais do ser.

Na terminologia Zen, esta faculdade é por vezes chamada de «diretor», em alusão à função do eu maduro. Referido no saber Zen como o «trabalho», o desenvolvimento do «diretor» é resumido com precisão e beleza características numa escritura budista muitas vezes citada na literatura Zen: «É melhor dominar a mente do que ser dominado pela mente.»

Assim, o autoconhecimento é um fim, mas é também um meio. O autoconhecimento é um meio de uma compreensão mais profunda de si próprio e, em última instância, de autorrealização. Noutras palavras, o autoconhecimento no processo Zen não é prosseguido por via de estudo teórico, mas através de si mesmo. O modo como isto se realiza constitui o conteúdo do estudo Zen; quando isto é feito, tudo se transforma em aprendizagem Zen.

Existem muitas afirmações na literatura técnica Zen destinadas a orientar o aprendiz para compreender e depois experimentar o verdadeiro eu, ou o eu para além das visões condicionadas socialmente; a partir desse ponto de vista, compreende-se então o mundo real através do eu real.

«Não precisas de procurar», disse um dos grandes mestres, «mas deves salvar-te a ti próprio; ninguém o pode fazer por ti.» Os ensinamentos do Zen original promoviam a máxima

independência suprema e a máxima responsabilidade por si mesmo. Para superar o potencial de autoilusão inerente a esta postura, os mestres Zen insistiam numa perceção experiencial da natureza mais fundamental do próprio ser; isto chamava-se ver a natureza, ou ver a essência.

Ver a essência é também chamado «obter entrada», significando o caráter iniciático dessa experiência. Os ensinamentos e práticas Zen não lidam apenas com o processo de despertar a perceção da essência, mas também com o **pós-despertar**, o processo de amadurecer e aplicar a consciência Zen.

Zen Religioso e Secular
O Zen surgiu na China alguns séculos depois da introdução do budismo, e desenvolveu-se tanto em contextos religiosos como seculares.
Nos contextos religiosos — primeiro no budismo, depois no taoismo e mais tarde no confucionismo —, o Zen ensinava as pessoas a estudar a "palavra viva" da experiência pessoal, em vez da "palavra morta" do dogmatismo doutrinário.

O Zen religioso foi tanto patrocinado como suprimido por autoridades seculares despóticas, resultando em numerosas distorções e degenerações, amplamente documentadas na tradição crítica do Zen. Segundo os relatos dos mestres, já no século XI o Zen religioso tinha degenerado em grande medida em seitas e cultos estagnados.

O Zen secular é algo mais difícil de rastrear do que o Zen religioso. Os registos indicam a sua existência desde os primórdios do Zen na China. Quase metade dos discípulos iluminados do Segundo Patriarca eram pessoas seculares, e muitos outros leigos, tanto das classes altas como das baixas, aparecem oficialmente registados ao longo dos tempos como tendo alcançado o domínio do Zen.

Houve também muitas mestras zen, desde os primórdios. Uma das maiores destas mulheres registadas tinha apenas treze anos quando foi reconhecida pelo mais distinto mestre da China. Outra praticante famosa tinha apenas dezasseis anos quando se iluminou; era filha de uma mulher também iluminada.

Uma das características dos cultos religiosos degenerados, pelo contrário, é a supressão espiritual das mulheres e dos leigos. Como a degeneração interna da religião em cultos tendia a coincidir com a crescente ligação ou submissão às autoridades políticas, foram esses cultos que sobreviveram como Zen religioso, com reconhecimento e apoio oficiais sob condições extremamente rígidas. No Japão feudal tardio, por exemplo, os mestres leigos de Zen eram legalmente proibidos de lecionar os clássicos zen, e monges budistas itinerantes ensinavam frequentemente que as mulheres não podiam atingir a iluminação. O Zen estava sob prisão.

As infelizes aberrações de misoginia e de manipulação pessoal de poder, testemunhadas em cultos zen modernos, são, tal como o sectarismo pseudo-religioso, heranças dessas circunstâncias, e não características do Zen original, nem do Zen autêntico em qualquer época. É preciso estabelecer esta distinção para se poder realmente experienciar a liberdade e a iluminação do Zen original, evitando as teias de sugestão e de condicionamento emocional usadas por sistemas religiosos que se tornaram estruturas de poder ao serviço da dominação e manipulação de outros.

A usurpação e alienação do Zen por parte de ambiciosos carreiristas que o transformaram em culto foi descrita por muitos mestres dos séculos XI e XII. Dahui, um dos maiores de todos os tempos, escreveu:

“Os estudantes dos últimos tempos abandonam frequentemente o fundamental e perseguem trivialidades; viram as costas à verdade e mergulham na falsidade. Consideram apenas o estudo em termos de carreira e reputação. A sua doutrina definitiva é procurar riquezas e estatuto e expandir as suas escolas. Por isso, a sua arte mental não é correta, e deixam-se afetar pelas coisas.”

Mi-an, outro mestre distinto da dinastia Song, repudiou vigorosamente o culto e defendeu o Zen secular em termos inequívocos:
“Aqueles que não aprenderam estão na confusão; não confiando na fonte, abandonam as suas famílias, deixam os seus empregos e vagueiam na miséria, correndo para norte e sul à procura de ‘Zen’ e ‘Tao’ e buscando ‘Buda’ e ‘Dharma’ nas línguas dos velhos monges por todo o país, esperando intencionalmente pela sua ‘transmissão’, sem se aperceberem de que já há muito perderam o essencial.”

Zen e Cultura

Segundo as palavras dos seus próprios mestres, a mensagem do Zen “não é do Oriente nem do Ocidente, do Norte nem do Sul.” É próprio do Zen, para além do simples bom senso, que as pessoas não precisem de adotar uma cultura oriental para compreender e realizar o Zen na sua própria vida. O chamado “diretor” na psicologia zen chama-se assim precisamente porque se refere a uma faculdade ou capacidade da consciência que não é em si controlada nem intrinsecamente modificada pelos processos de condicionamento social e cultural.

Uma forma de reconhecer um culto como culto é precisamente o seu orientalismo superficial. Mudanças de humor causadas por redecoração ambiental podem ocorrer, sobretudo quando combinadas com outras formas de sugestão, mas isso não são verdadeiros efeitos do Zen. Cultos zen ocidentais com verniz oriental não reproduzem culturas orientais nem enriquecem as ocidentais. O Zen autêntico não é um espetáculo paralelo; o ensinamento é harmonizar-se com o ambiente, como ilustra o famoso provérbio: “Um bom artesão não deixa vestígios.”

Ainda assim, há uma forma de descrever de maneira mais específica o contexto cultural do Zen. O mestre zen Foyan remete as pessoas para o Quinto Estágio da Iluminação, segundo o ensinamento dos Dez Estágios no vasto Sutra da Guirlanda de Flores, livro favorito de muitos mestres clássicos e fonte de muitos dos seus ensinamentos e técnicas.

Neste quinto estágio, embora o foco seja a perfeição da meditação, ao mesmo tempo, “os praticantes, assim empenhados no desenvolvimento das pessoas, com mentes continuamente a seguir o conhecimento iluminado, empenhados numa bondade irreversível, voltados para a busca da verdade suprema, praticam tudo aquilo no mundo que beneficie os seres vivos.” O texto nomeia ocupações como escrita, ensino, matemática, ciência, medicina, canto e dança, teatro, música, narração, entretenimento, planeamento urbano, agricultura, horticultura, e assim por diante. A pertinência desta abordagem ao Zen, tão diferente da dos cultos centrados em si próprios, dificilmente precisa de mais argumentos. O mestre zen japonês Manan, do século XVII, também escreveu: “Se queres rapidamente dominar todas as verdades e ser independente em todos os eventos, nada há melhor do que a concentração em atividade.”

No mundo ocidental moderno, onde a democracia e os direitos humanos individuais são reconhecidos legalmente mas ainda não plenamente realizados, não poderiam ser mais oportunas as questões da autocompreensão e da automaestria, ou da libertação do indivíduo das influências confusas e ilusórias de todo o tipo, de modo a capacitar a liberdade de escolha como uma faculdade autêntica do indivíduo, e não apenas como um direito constitucional

abstrato ou ideal social. O embaraço e a mistificação dos cultos exóticos não têm lugar no Zen real de hoje, no Oriente ou no Ocidente.

Meditação Zen

Embora seja de conhecimento comum que os budistas zen usavam meditações de vários tipos nas suas artes de cultivo da mente, o Zen original e o culto imitativo podem também ser distinguidos de forma paralela pela comparação de atitudes específicas perante a meditação. O Zen que é exagerado em culto da meditação, no qual esta assume o estatuto de valor em si, ou a atenção é fixada numa dada postura ou procedimento apresentados como intrinsecamente sagrados, caracteriza uma deterioração. Isto é mais da natureza do fetichismo do que da iluminação, como se vê especialmente em casos em que a meditação é feita de forma ritualista em grupos aleatórios segundo horários fixos, até sob pressão; tal prática gera obsessão, não libertação. Este não era o procedimento dos mestres, nem é recomendado nos textos clássicos de meditação zen. O grande mestre Dahui disse:
"Hoje em dia soam um sinal para se sentar em meditação. Se queres uma cena solene, aí tens, mas não creio que possas sentar-te ao ponto de alcançares estabilidade. As pessoas que ouvem isto muitas vezes pensam que eu não ensino as pessoas a sentar-se em meditação, mas isto é um equívoco; não entendem a técnica expedita. Eu apenas quero que estejas em meditação zen quer estejas a trabalhar ou sentado, que estejas essencialmente em paz quer fales ou estejas em silêncio, ativo ou imóvel."

As raízes da deterioração da meditação de meio vivo em beco sem saída já eram observadas na era clássica do Zen. O célebre mestre Linji, da dinastia Tang, disse: "Há carecas cegos que, depois de se empanturrarem, sentam-se em meditação e detêm os pensamentos a transbordar, para impedir que surjam, fugindo do clamor e buscando a quietude. Isto é uma forma desviada de Zen." Uma geração depois, o formidável mestre Xuansha foi ainda mais longe no contraste entre o Zen vivo e os cultos quietistas piedosos:
"Este assunto não pode ser fixado; a estrada da mente e do pensamento acaba. Não depende de adornos; é a paz verdadeira original. Em movimento e ação, falando e rindo, está clara em todo o lado; nada falta. As pessoas de hoje, sem perceberem esta verdade, envolvem-se arbitrariamente em coisas, em objetos materiais, influenciadas por tudo o que as rodeia, fixadas e aprisionadas por todo o lado."

Mesmo quando compreendem, acham o mundo material uma profusão de confusão, com rótulos e características que não correspondem às realidades, e tentam congelar as suas mentes e reduzir os pensamentos, devolvendo as coisas ao vazio, fechando os olhos, afastando pensamentos repetidamente sempre que surgem, suprimindo até as ideias mais subtis mal se formam.
Tal compreensão é a de um forasteiro que caiu no nada vazio, um cadáver cuja alma ainda não se dissolveu. Vazio de consciência, vazio de cognição, mergulhado — e assim fornece um campo fértil para charlatães e impostores.

O mestre Mi-an disse:
"A razão por que este caminho não tem florescido nos últimos anos não é outra senão o facto de aqueles que atuam como professores de outros não terem os olhos e o cérebro retos e verdadeiros.
Não têm perceção própria, apenas mantêm fama e fortuna, ganho e perda, no coração. Com medo profundo de que os outros digam que não têm histórias, memorizam erradamente histórias de velhos livros, deixando-as fermentar no fundo das suas mentes para que não lhes

falte algo a dizer se os buscadores lhes fizerem perguntas.
São como cabras a defecar: no instante em que a cauda se levanta, incontáveis bolinhas de excremento caem no chão! Como os estudantes não têm perceção clara, como hão de distinguir claramente? Os estudantes acreditam profundamente, com todo o coração; assim, indivíduos cegos conduzem multidões cegas para um fosso de fogo."

No Ocidente, onde nem a língua chinesa nem o pensamento budista são geralmente conhecidos, é ainda mais crucial assegurar que compreendemos a verdadeira estrutura das histórias zen, e saber como essa estrutura orienta a concentração construtiva antes de tentarmos utilizá-las. Considerando no que se transformaram os koans zen até na terra da sua origem, se quisermos extrair alguma iluminação viva da contemplação das histórias zen, devemos ter cuidado para não confundir ingenuamente perplexidade ou mistificação com efeitos autênticos de Zen.

Iluminação Zen

Uma das particularidades do budismo zen é a ideia de que o despertar pode ocorrer de forma instantânea. O treino zen, nesta perspetiva, não significa aprender doutrinas, rituais e posturas, mas preparar a mente para aceitar esse despertar e integrá-lo construtivamente na vida quotidiana.

Várias degenerações no Zen estão associadas ao despertar instantâneo. Uma é a indução prematura da experiência, resultando na incapacidade de alcançar uma personalidade integrada. Outra é a incapacidade de sustentar e desenvolver a consciência recém-desperta, resultando de novo na falha em atingir integração completa. Importa notar, a este respeito, que a iluminação no Zen se refere geralmente ao despertar iniciático, e não ao desenvolvimento completo conhecido no budismo clássico como iluminação perfeita e total.

Uma deterioração bastante mais comum do despertar instantâneo no Zen é confundir uma experiência extática ou um estado alterado de consciência com esse despertar zen. Existem muitos registos disto na tradição zen, onde por vezes é descrito como confundir um olho de peixe com uma pérola. Como a iluminação pode frequentemente ser acompanhada por uma libertação de tensão, há também casos em que se confunde catarse emocional com despertar, ou até se induz deliberadamente tensão excessiva para provocar uma sensação extática de libertação. Tentativas de imitar o efeito zen deste modo podem ser observadas tanto em cultos zen orientais como ocidentais, sobretudo em gerações recentes.

Uma deriva mais radical no ensinamento do despertar súbito foi a doutrina de que tal coisa não existe de facto. Isto tornou-se moda entre cultistas na China e no Japão há muitos séculos. O mestre Dahui (1089–1163) observou:
"Nas comunidades monásticas zen dos últimos tempos, há um tipo de falso Zen que se agarra à doença como se fosse remédio. Nunca tendo tido qualquer iluminação experiencial, consideram-na um constructo, uma palavra usada como indução, uma queda no secundário, uma questão subalterna. Aqueles que nunca tiveram experiência de iluminação, e que não acreditam que alguém alguma vez a tenha tido, consideram uniformemente o vazio inerte como primordial. Comendo duas refeições por dia, não trabalham mas apenas se sentam, chamando a isto 'paz interior'."

Os que adotaram esta postura no Japão feudal também falavam de "apenas sentar", mas rodeavam-na de rituais elaborados, considerando que a obediência às regras e observâncias do seu culto era tudo o que se requeria em termos de iluminação. Na China, o mestre Mi-an

apontou ainda uma falácia mais subtil deste Zen "sem iluminação": "Por nunca terem realizado pessoalmente o despertar, as pessoas interrompem temporariamente a perceção dos objetos, depois tomam o bocado de luz que lhes aparece diante dos olhos como o supremo. Esta doença é das mais miseráveis." A construção de rituais e títulos pomposos para celebrar e consagrar estas experiências como absolutas tornou a situação extremamente crítica no contexto do Zen religioso. Poder-se-ia dizer que esta é outra vantagem do Zen secular, no qual a realização deve ser efetiva em todas as experiências e não sacramentalizada.

Os registos históricos mostram o fracasso espiritual do movimento do Zen sem iluminação, mas também mostram o fascínio que essa doutrina exercia sobre as autoridades que desejavam uma religião estatal estática e ineficaz, capaz de absorver os excessos de energia do povo de forma controlada, sem necessidade de ação militar contra os próprios súbditos. Tal como já tinham apontado os mestres clássicos na China, há muito tempo, o culto autoritário, com os seus potentados magisteriais, cortes, insígnias e mistérios sagrados, é na realidade um vestígio histórico de assuntos político-religiosos, e não a herança autêntica do Zen vivo e iluminado.

Atalhos para o Zen

Este livro contém traduções de palestras gerais sobre Zen de Foyan (1067–1120), universalmente reconhecido como um dos maiores mestres do renascimento zen da dinastia Song. Recuando aos mestres zen originais e clássicos, Foyan apresenta muitos exercícios simples de atenção e pensamento concebidos para levar ao despertar da perceção zen da verdadeira natureza do eu.

Após o desaparecimento dos mestres clássicos, muito poucos professores de Zen igualaram Foyan no grau em que fomentava desde o início a independência, autonomia e liberdade nos seus ouvintes. Estava completamente livre de qualquer desejo de fama ou seguidores, e não fazia tentativa de recrutar discípulos. Tudo o que queria era que as pessoas abrissem os próprios olhos e se apoiassem nos próprios pés, vissem diretamente sem ilusão e agissem segundo a verdade sem confusão. Diz-se que dezenas dos seus ouvintes alcançaram a iluminação; pelo menos quinze deles são conhecidos por se terem tornado mestres zen e professores por direito próprio.

PALESTRAS ZEN

Liberdade e Independência

Aquele que não é companheiro das miríades de coisas libertou-se das fadigas do materialismo. A mente não reconhece a mente, o olho não vê o olho; como não há oposição, quando vês formas não há formas aí para ver, e quando ouves sons não há sons aí para ouvir. Não é isto libertar-se das fadigas do materialismo?

Não há um caminho particular para nele entrar, nem fenda pela qual o ver: o budismo não tem Oriente nem Ocidente, Sul nem Norte; não se diz, "Tu és o discípulo, eu sou o mestre." Se o teu próprio eu é claro e tudo é Isso, quando visitas um mestre não vês que há um mestre; quando perguntas a ti próprio, não vês que tens um eu. Quando lês a escritura, não vês que ali há escritura. Quando comes, não vês que ali há refeição. Quando te sentas e meditas, não vês que há qualquer sentar. Não tropeças nas tuas tarefas quotidianas, mas não consegues agarrar

coisa alguma.
Quando vês deste modo, não és independente e livre?

Doenças do Zen

O corpo espiritual tem três tipos de doença e dois tipos de luz; só depois de passares por cada um deles é que podes sentar-te em paz. No *Discurso do Progresso Heroico*, além disso, o Buda explicou cinquenta tipos de doenças da meditação. Agora digo-te: é preciso estar livre de doença para alcançar a realização.

Na minha escola, só há dois tipos de doença. Uma é procurar um burro estando montado no burro. A outra é não querer desmontar depois de ter montado o burro.
Dirás que é certamente uma doença tremenda montar um burro e depois ir à procura do burro. Eu digo-te que não é preciso encontrar uma pessoa espiritualmente perspicaz para reconhecer isto de imediato e livrar-se da doença da busca, para que a mente louca cesse.

Uma vez reconhecido o burro, montar nele e não querer desmontar é a doença mais difícil de tratar. Eu digo-te que não precisas de montar o burro; tu és o burro! O mundo inteiro é o burro; como podes montá-lo? Se o montares, podes estar certo de que a doença não te deixará! Se não o montares, o universo inteiro está aberto!

Quando as duas doenças desaparecem, e não há nada na tua mente, então és chamado de viajante do Caminho. Que mais há? É por isso que, quando Zhaozhou perguntou a Nanquan, "O que é o Caminho?", Nanquan respondeu: "A mente normal é o Caminho." Então Zhaozhou parou de repente a sua busca apressada, reconheceu a doença dos "Mestres Zen" e a doença dos "Budhas", e atravessou tudo isso. Depois disso, viajou por toda a parte, sem par em lado nenhum, graças ao seu reconhecimento das doenças.

Um dia, Zhaozhou foi visitar Zhuyou, onde andava de um lado para o outro, brandindo o seu bastão de leste para oeste e de oeste para leste. Zhuyou perguntou: "Que estás a fazer?" Zhaozhou respondeu: "A testar a água." Zhuyou retorquiu: "Aqui não tenho nem uma gota; o que vais testar?" Zhaozhou partiu, apoiado no seu bastão. Vê como revelou um pouco de exemplo, capaz de realmente se destacar.

Os seguidores do Zen de hoje tomam todos a doença por verdade. Melhor não deixares a tua mente adoecer.

Encará-lo Diretamente

Se não perguntas, não consegues; mas se perguntas, de certo modo desvalorizas-te. Se não perguntas, como podes saber? Mas também tens de saber como perguntar antes de poderes ter sucesso. Eu toquei-te diretamente no alto da cabeça para que discernisses a sensação, como levantar a crosta de uma queimadura de moxabustão. Pessoas espiritualmente perspicazes sabem de imediato; então, pela primeira vez, alcançam a capacidade de não se enganarem de modo nenhum.

Não estou a enganar-te. Lembra-te da história do antigo digno que foi questionado: "Qual foi a intenção do Fundador do Zen ao vir da Índia?" Espantado, o antigo disse: "Perguntas sobre a intenção de outro ao vir da Índia. Porque não perguntas sobre a tua própria intenção?"
O questionador perguntou: "Qual é a intenção de alguém?" O antigo respondeu: "Observa-a em ações ocultas."

O questionador perguntou: “Quais são as suas ações ocultas?” O antigo abriu e fechou os olhos para dar uma indicação.

Os antigos muitas vezes davam-se ao trabalho de falar bastante, mas os seus descendentes já não eram assim; gritavam com as pessoas logo ao entrarem pela porta, sem mais quês nem porquês.

Se não compreendes, há algo que simplesmente é; porque não o percebes? Noutros lugares gostam de pôr as pessoas a olhar para histórias-modelo, mas aqui temos a história-modelo de encará-lo diretamente no que está a surgir agora; devias olhar para isso, mas ninguém pode fazer-te ver por inteiro um assunto tão imenso.

As pessoas gastam todo o tempo em pensamentos que não passam de imaginação vã e fadiga materialista, e assim a sabedoria não pode emergir. Todas as convenções vêm do pensamento conceptual; que uso lhes queres dar?

A sabedoria é como o nascer do sol, em que tudo fica iluminado. Isto chama-se manifestação do conhecimento não discriminatório. Devias alcançá-lo uma vez, e daí em diante haverá algo com que trabalhar, e teremos algo de que falar. Se te entregas à imaginação vã e te desgastas com objetos, então não tens nada com que eu possa trabalhar.

Que graça! Quando falo do leste, tu vais para o oeste, e quando falo do oeste, tu vais para o leste; nada posso fazer por ti! Se fosses capaz de virar a cabeça, quando a tua perceção se abrisse poderias dizer: “Afinal, o mestre disse-me, e eu disse ao mestre”, e quando a cabeça fosse abanada a cauda rodopiaria, tudo caindo no lugar. Gabas-te de ter estudado Zen durante cinco ou dez anos, mas quando é que alguma vez fizeste este tipo de trabalho? Apenas persegues conversa rápida.

Quando vens ter comigo e eu vejo, logo que tentas fixar-te em algo, isso significa que o teu trabalho interior ainda não chegou ao ponto da insipidez. Se ficares aqui cinco ou dez anos e conseguires aperfeiçoar o teu trabalho interior, então despertarás.

Sempre que ensino as pessoas a fazer trabalho interior, o que lhes digo está totalmente de acordo com os antigos, nem uma palavra fora; entende, e saberás dos antigos. Mas não digas: “Um antigo falou assim, e eu compreendi assim”, pois então torna-se incorreto.

Que tal o antigo dito: “Não é o vento que se move, não é a bandeira que se move, mas a tua mente que se move” — quantas palavras aqui são certas ou erradas na tua própria situação? Também se disse: “Eu sou tu, tu és eu” — nada está além disto.

Além disso, alguém perguntou a Yunmen: “O que é o eu do estudante?” Yunmen respondeu: “Montanhas, rios, toda a terra.” Isto é bastante bom; estão eles aí ou não? Se montanhas, rios e terra estão aí, como podes ver o eu? Se não estão, como podes dizer que as montanhas, rios e terra atualmente existentes não estão? Os antigos explicaram-te, mas tu não compreendes e não sabes.

Eu digo-te sempre que o que está inerente em ti está ativamente presente agora, a funcionar agora, e não precisa de ser procurado, nem posto em ordem, nem praticado ou provado. Tudo o que é preciso é confiá-lo de uma vez por todas. Isto poupa muita energia. É difícil encontrar pessoas assim. Quando o meu mestre estava com o seu mestre, este costumava dizer: “Este Caminho é uma subtileza natural alcançada por si mesmo”, focando geralmente a existência do conhecimento inato. Quando conheci o meu mestre, não consegui expressar isto durante

dez anos; apenas por ter refletido profundamente é que mais tarde alcancei compreensão penetrante, e agora já não desperdiço energia alguma.

Não é que esteja lá quando pensas nisso e deixe de estar quando não pensas; o budismo não é assim. Não deixes que a questão debaixo da túnica me sepulte. Se não refletires e examinares, a tua vida inteira será enterrada. Há de facto algo a acontecer aqui?

Hoje em dia há muitos professores públicos cujo olhar orientador não é claro. Isto está muito errado! Como ousam subir a um púlpito para tentar ajudar outros? Exibindo um símbolo de autoridade, vociferam contra as pessoas sem qualquer escrúpulo, perseguindo apenas o imediato e sem se preocuparem com o futuro. Que miséria!

Se tens ligações, não deves deixar que te ponham como professor enquanto não estiveres iluminado, pois isso é desastre! Se há algo real em ti, "o almíscar é naturalmente fragrante." Vê quantos falsos "mestres zen" há, a degenerar diariamente durante muito, muito tempo. São como estrume humano esculpido em ícones de sândalo; no fim, há apenas o cheiro de excremento.

Querendo escapar ao nascimento e à morte, querendo alcançar a libertação, tentas tornar-te uno; mas não se atinge a unificação após se ter homogeneizado. Se tentares fazer-te uno, certamente não alcançarás unificação.

Uma vez, um buscador visitou um Viajante do Caminho e perguntou, enquanto vagueavam pelas montanhas: "Um mestre antigo disse que procurou unificação durante trinta anos sem a conseguir; o que significa isto?" O Viajante respondeu: "Eu também sou assim." Depois perguntou ao buscador: "Entendes?" E ainda lhe deu um poema:

O mestre antigo alcança a unificação
e eu também sou assim;
antes do fim deste mês,
voltarei a resolvê-lo por ti.

No fim do mês, o Viajante faleceu. Diz-me tu: a unificação, é boa ou má? O mestre antigo alcançou-a, e eu também sou assim. Eu anuncio aos buscadores do Zen: encarai-a diretamente, não tropeceis para além. Cada um de vós, siga o seu caminho.

Ver e Fazer

Muitos são aqueles que viram mas nada podem fazer a esse respeito. Uma vez que viste, porque é que não podes fazer nada? Simplesmente por não discernires; é por isso que estás impotente. Se vês e discernes, então podes fazer algo a esse respeito. No entanto, se esperas compreender assim que és inspirado a estudar Zen, bem, quem não gostaria disso? Só que não tens por onde entrar, e não podes forçar a compreensão. Falhando em harmonizar-te com isso em todas as situações, perdendo a ligação a cada momento, não o consegues obter pelo esforço forçado.

Seja o que for que estejas a fazer, vinte e quatro horas por dia, em todas as tuas diversas actividades, há algo que transcende os Budas e os Mestres Zen; mas assim que queres compreender, já não está lá. Não está verdadeiramente lá; assim que tentas fixar a tua atenção nisso, já te afastaste. É por isso que digo que vês mas nada podes fazer.

Será que isto significa que o vais realizar se não dirigires a mente e não desenvolveres compreensão intelectual? Longe disso — falharás ainda mais seriamente em realizá-lo. Mesmo a compreensão não o alcança, quanto mais a falta dela!

Se fores espiritualmente perspicaz, podes abrir os olhos e ver assim que me ouves falar disto. Não disseram já pessoas de grandeza imensurável que esta verdade não é compreensível pelo pensamento, e que está para além do alcance do conhecimento? Se não fosse assim, como poderia ser chamada uma verdade iluminada?

Hoje em dia, contudo, as pessoas apenas apresentam interpretações e opiniões, inventando racionalizações; nunca aprenderam a ser assim, e nunca chegaram a esse estado.

Se pessoas com potencial para a iluminação estiverem dispostas a ver desta forma, devem investigar profundamente e examinar com a maior atenção; de repente alcançarão o domínio disso e já não terão dúvidas. A razão por que não compreendes é apenas porque és levado por pensamentos aleatórios vinte e quatro horas por dia. Como queres aprender negócios, apaixonas-te pelas coisas que vês e persegues com afeto as coisas que lês; com o tempo, envolves-te continuamente. Como conseguirás então trabalhar na iluminação?

De um modo geral, há tempos apropriados para aqueles que estudam negócios. Depois dos trinta anos, é melhor não estudar, porque será difícil aprender mesmo que o faças, e também será de valor duvidoso. Se, por outro lado, trataste do teu próprio negócio — isto é, o negócio do eu — então ainda poderás aprender através do estudo, porque já foste transformado. Mas se já lidaste com o teu próprio negócio, para quê estudar? Se tiveres cerca de vinte anos, ainda podes estudar, mas se fores espiritualmente perspicaz e focado na questão da vida e da morte, não estudarás mais nada.

Sempre que procurares o Zen, além disso, o terreno da tua mente deve ser recto e direito, e a tua mente e fala devem estar em concordância. Como a tua mente e fala são direitas, os teus estados são assim consistentes do princípio ao fim, sem minúcias mesquinhas.

Não digas: “Eu compreendo! Alcancei o domínio!” Se alcançaste o domínio, então porque andas a fazer perguntas aos outros? Assim que dizes que compreendes o Zen, as pessoas observam tudo o que fazes e dizes, interrogando-se sobre porque disseste isto ou aquilo. Se reclamas compreender o Zen, além disso, isso é na verdade uma disputa da ignorância. Que dizer da máxima de que se deve “brilhar em silêncio, escondendo a própria iluminação”? E de “ocultar o nome e cobrir as pegadas”? E de “o caminho não é diferente da mente humana”?

Cada um de vós deve individualmente reduzir os enredamentos e não falar de juízos de certo e errado. Todas as vossas actividades em toda a parte transcendem Budas e Mestres; o búfalo ao pé da montanha está imbuído de Budismo; mas assim que tentas procurar, já não está lá. Porque não discernes isto?

A Medula dos Sábios

O meu sustento é a medula de todos os sábios; não há um momento em que não esteja a explicá-la a vós, mas não estais dispostos a acolhê-la. Assim, acaba por ser, pelo contrário, o meu engano. Mas olha bem — onde é que não estou a explicar-te?

Os zenistas profissionais dizem que eu não ensino as pessoas a pensar, não ensino as pessoas a compreender, não ensino as pessoas a discutir histórias, não cito exemplos do passado e do presente; supõem que estamos aqui a perder tempo, e pensam que se tivessem passado o tempo noutro sítio teriam compreendido alguns casos-modelo e lido alguns escritos. Se queres discutir histórias, citar passado e presente, então, por favor, vai a outro lugar; aqui só tenho Zen de um só sabor, que por isso chamo a medula de todos os sábios.

Agora deixem-me perguntar-vos uma coisa. Porque prestais vós respeito a um ícone de sabedoria? O ícone reconhece-vos quando lhe prestais respeito? Concorda convosco?

Se dizes que te reconhece, é um ícone de barro — como poderia reconhecer? Se dizes que concorda, podes tu próprio concordar? Uma vez que não és capaz de reconhecimento nem de concordância, porque prestas respeito? Será convenção social? Será produzir bondade a partir de uma representação?

Se dizes que é dever social, como pode haver convenção social entre renunciantes? Como podem eles produzir o bem vendo representações?

Prestais respeito por seguires a multidão? Se sim, qual é a lógica disso?

Aqui tens de compreender claramente cada ponto. Não leste como o grande mestre Changsha um dia se virou e viu o ícone de sabedoria, onde de repente realizou o supremo e disse: “Ao virar-me, de repente vejo o corpo original. O corpo original não é uma percepção nem uma realidade; se considerares o ser original igual ao ser real, sofrerás dificuldade para sempre”? Compreendes a lógica disto?

Não Saber

Por vezes, quando interrogo os estudantes, todos dizem que não sabem ou não compreendem; apenas dizem que comem quando têm fome e dormem quando estão cansados. Que redenção há em tal fala? Até dizem que não estão conscientes de se o mês é longo ou curto, e não se importam se é ano bissexto; quem compreende esse vosso assunto?

Agora pergunto-vos, como explicais a lógica de não saber? Ouvem os outros dizer isto, e depois dizem-no vocês mesmos; mas alguma vez compreenderam o princípio do não saber?

Um antigo disse: “Não saber significa que nada deixa de ser conhecido, nenhum lugar fica por alcançar.” Isto chama-se não saber para que vós, hoje, possais atingir esse estado desconhecido. Este é o domínio dos sábios — como poderia ser como a cegueira e a incompreensão que as pessoas hoje chamam não saber?

Se continuam assim, sempre a declarar que não sabem e não se preocupam, como comunicarão se alguém vos questionar? Poderá não haver ninguém para continuar no caminho do Zen! Não pode ser assim. Escolhei com cuidado!

Emancipação

Em tempos antigos, um digno do Zen perguntou a um velho adepto: “O que é essencial para a emancipação?” O velho adepto disse: “O nevoeiro ergue-se dos teus pés, reverendo!” Ao ouvir estas palavras, o digno Zen de repente compreendeu a mensagem.

Sabes o que é a emancipação? Se formulares a ideia de que a podes compreender, então estás já bloqueado dela.

Mais tarde, outro adepto disse: “Não ouso virar-vos as costas, mestre; pois o nevoeiro ergue-se dos vossos pés!”

E há também a história de quando Beiyuan Tong deixou Dongshan. Dongshan disse: “Para onde vais?” Tong respondeu: “Para as montanhas.” Dongshan disse: “A Serra do Macaco Voador é íngreme — uma bela visão!” Tong hesitou. Dongshan disse: “Reverendo Tong!” Tong respondeu: “Sim?” Dongshan disse: “Porque não vais às montanhas?” Ao ouvir estas palavras, Tong de repente compreendeu a mensagem.

Os antigos eram bastante directos nas suas formas de ajudar os outros. Sempre que as pessoas iam até eles, mostravam-lhes. Neste caso, ele disse que ia para as montanhas; o que significa isto?

As pessoas de hoje não percebem claramente, acabando inevitavelmente por criar uma compreensão. Por um pouco de compreensão, já se bloquearam. Só se pode investigar de modo abrangente através da experiência; não se pode compreender apenas por interpretação intelectual. Uma vez que tenhas compreendido a fundo, com compreensão unificada, já não duvidarás.

No entanto, isto não é fácil de manter. Se entraste nisso correctamente, não retrocederás. Assim, mesmo que tenhas esclarecido o que pode ser compreendido, isso não é comparável a ver o que não pode ser compreendido e ainda ter a capacidade de o manter. Então estarás sempre consciente e sempre atento. É por isso que um antigo disse: “A mente normal é o caminho; pode alguém apontar para ela?” “Se tentares dirigir-te a ela, estás a afastar-te dela.” Visto que não te é permitido apontar para ela, então como a manténs? Não é fácil!

Não será isto a emancipação? Se procuras um estado de emancipação, isso é o que se chama uma cãibra! Xuansha disse: “Toda a terra é uma era de inferno; se não te esclareceres a ti mesmo, isso é uma cãibra grave.” Não serve de nada desperdiçar o tempo.

Suspender Opiniões

O Terceiro Patriarca do Zen disse: “Não procures a realidade, apenas põe fim às opiniões.” Também disse: “Assim que surgem juízos de certo e errado, a mente perde-se em agitação.” Estes ditos ensinam-vos, gente de hoje, no que trabalhar.

Quando lês a sua máxima “Não procures a realidade”, dizes que já não há necessidade de procurar — isto significa que ainda estás a alimentar opiniões e estás numa agitação de juízos; afinal, ainda não atingiste um estado de mente sem procura, e estás apenas a criar uma interpretação opinativa.

As pessoas que estudam Zen hoje em dia são todas assim; lendo uma frase transformadora e alcançando uma intuição sobre as palavras, tentam depois aplicá-la a todos os ditos, pensando que são todos iguais. Guardando isto no coração, consideram-no como a sua própria realização; longe de perceberem que perderam a mente ao alimentar uma compreensão opinativa, agarram-se a isso e não largam. Que ignorantes!

Gostarias de alcançar um estado de mente em que nada procuras? Basta não conceber todo o tipo de opiniões e visões. Este não procurar não significa apagar-se nem ignorar tudo. Na vida quotidiana, vinte e quatro horas por dia, quando há falta de clareza na situação imediata é geralmente porque a mente opinativa está a agarrar e a rejeitar. Como poderás então conhecer a mente não discriminatória?

Assim, quando um sábio antigo foi perguntado se o criado e o incriado são diferentes, ele disse que não são. Céu e terra, rios e mares, vento e nuvens, ervas e árvores, aves e animais, pessoas e coisas a viver e a morrer, a mudar diante dos nossos olhos, são todos chamados formas criadas. O caminho incriado é silencioso e imóvel; o indescritível e inominável é chamado incriado. Como pode não haver diferença?

O Grande Mestre Yongjia disse: “A verdadeira natureza da ignorância é a própria natureza da iluminação; o corpo vazio das ilusões e projeções é o próprio corpo das realidades.” Estas duas são distintas; como compreendes a lógica da identidade? Tens de experienciar a mente sem procura; então integrar-se-ão e ficarás livre de dificuldades.

Nos dez estágios da iluminação, o quinto é o estágio Difícil de Conquistar, que significa que é extremamente difícil alcançar a igualdade do conhecimento real e do conhecimento convencional; quando entras neste estágio, os dois são iguais, por isso é chamado estágio difícil de conquistar. Os estudantes do caminho devem acolhê-los e igualá-los vinte e quatro horas por dia.

E sabes que são produzidos pela tua mente não discriminatória? Como um artista que desenha todo o tipo de imagens, tanto belas como feias, a mente representa formas, sentimentos, percepções, padrões abstractos e consciências; representa sociedades humanas e paraísos. Ao desenhar estas imagens, não pede emprestado o poder de outro; não há discriminação entre o artista e a obra. É por não perceber isto que concebes várias opiniões, tendo visões de ti próprio e visões dos outros, criando o teu próprio justo e injusto.

Por isso se diz: “Um artista desenha uma imagem do inferno, com inúmeros tipos de formas hediondas. Ao pousar o pincel para a observar, arrepia os ossos, verdadeiramente faz eriçar os cabelos.” Mas se sabes que é um desenho, do que é que tens medo?

Antigamente, quando as pessoas percebiam claramente isto, tornava-se evidente em todas as situações. Uma vez, quando o grande mestre Xuansha estava a cortar uma árvore, um tigre saltou do bosque. O companheiro do mestre disse: “É um tigre!” O mestre ralhou-lhe e disse: “É um tigre para ti.”

Outra vez, quando viu um buscador a fazer prostrações, Xuansha disse: “É por causa do eu que se pode inclinar perante o outro.” Estes expedientes estão em profunda consonância com a intenção de Buda.

O grande mestre Fayan uma vez apontou para um cão mesmo à sua frente e disse: “Uma gravura.” Quando olhares para isto, não procures no próprio cão esclarecimento; tens de o ver na tua própria experiência antes de o alcançar. Só então compreenderás a máxima: “Assim que surgem juízos de certo e errado, perdes a mente em agitação.” Espero que compreendas o ponto!

O Director

Mesmo que confies directamente na justeza da realidade neste exacto momento, já és chamado de ignorante; quanto mais se não consegues confiar directamente — de que serves então? Se confias directamente na justeza da realidade, porque és chamado de ignorante? Quando é que tens andado a ir e vir todo este tempo? Deves saber que perdeste uma parte; então vês que o que até aqui não tinhas compreendido revela-se afinal como uma visão sem relevância para ti.

Ao observar os antigos desde tempos imemoriais, havia aqueles que alcançaram a iluminação a partir da confusão; todas as suas declarações são ensinamentos sobre alcançar a iluminação a partir da confusão. Depois havia aqueles que compreenderam a confusão após se iluminarem; todas as suas declarações são ensinamentos sobre compreender a confusão após a iluminação. Havia ainda aqueles para quem não há nem confusão nem iluminação; todas as suas declarações são ensinamentos sobre a libertação de ambas. Além disso, aqueles que alcançaram a iluminação fora da confusão eram também muitos, por isso nem vale a pena falar deles. Quanto menos valor têm aqueles que nem conhecem a iluminação nem compreendem a confusão! Estes últimos são, com propriedade, meros mortais comuns.

Em tempos antigos, apenas algumas pessoas como Nanquan e Guizong podiam ser referidas como tendo visão livre tanto da confusão como da iluminação. Os estudantes de hoje em dia falam descontroladamente sobre libertação de confusão e iluminação, mas quando é que lá chegaram de facto? Não digas tais coisas com tanta leviandade!

Como ainda tens dúvidas, vou perguntar-te algo. Quando foste concebido pela primeira vez no ventre da tua mãe, o que trouxeste contigo? Não tinhas absolutamente nada quando vieste, apenas consciência mental, sem forma nem corpo. Depois, quando morres e abandonas o fardo do corpo físico, de novo nada terás a não ser consciência mental. No presente, nas tuas viagens e na vida comunitária, este é o director.

Agora deixem-me perguntar-vos outra coisa. Recebemos porções de energia do nosso pai e mãe através do esperma e do óvulo; agarrando-nos ao que recebemos, chamamos a isso o nosso corpo. Desde o nascimento, à medida que gradualmente cresce e amadurece, este corpo sempre pertence ao eu. Mas diz-me, pertence-te ou não? Se dizes que te pertence, quando foste concebido pela primeira vez não trouxeste nada contigo; quando é que o esperma e o óvulo do teu pai e da tua mãe alguma vez te pertenceram? A vida pode durar no máximo cem anos, além disso, antes de o cadáver ser abandonado; quando é que te pertenceu realmente?

E, no entanto, se dizes que não te pertence, neste momento não há possibilidade de levar nada embora. Quando é vilipendiado, enfureces-te; quando sente dor, sofres; como poderia não te pertencer? Tenta determinar se tens aí alguma coisa ou não, e descobrirás que não consegues determinar, porque a tua raiz de dúvida não foi cortada. Se dizes que tens algo aí, enquanto no processo de crescimento desde o nascimento até aos vinte anos não há mudança nesta certeza, quando chegas aos quarenta ou cinquenta o corpo muda e deteriora-se a cada instante, por isso não podes dizer que está definitivamente aí. Mas se dizes que nada há aí, no entanto consegues realizar todo o tipo de acções, por isso não podes dizer que não há nada.

Era uma vez um homem que se perdeu numa viagem, então alojou-se numa cabana abandonada. Nessa noite veio um fantasma, carregando um cadáver. Depois apareceu outro fantasma e disse: “Esse é o meu corpo!” O primeiro fantasma disse: “Eu apanhei-o acolá.” Então o segundo fantasma arrancou-o à força. O primeiro fantasma disse: “Aqui está um

viajante que pode testemunhar!" Assim, os dois fantasmas aproximaram-se do homem e disseram: "Quem trouxe este cadáver?"

O viajante refletiu: "Ambos os fantasmas são maléficos; pelo menos um deles há de magoar-me. Ouvi dizer que, se alguém evita dizer uma falsidade perante a morte, renascerá no céu." Assim, apontou para o primeiro fantasma e disse: "Este fantasma trouxe-o."

Enfurecido, o segundo fantasma arrancou os braços e as pernas ao viajante. Então o primeiro fantasma, arrependido e grato, disse: "A tua palavra de testemunho a meu favor deixou-te aleijado." Assim, o primeiro fantasma usou o cadáver para remendar o homem. As partes foram novamente tiradas pelo segundo fantasma, e o primeiro fantasma reparou o homem mais uma vez. Finalmente, ambos os fantasmas acabaram no chão a tentar devorar a carne do homem o mais depressa possível, cada um tentando comer mais que o outro. Quando toda a carne do homem foi consumida, os fantasmas partiram.

Então o viajante viu os corpos dos seus pais mesmo diante dos olhos, já devorados pelos fantasmas. Depois fitou o seu próprio corpo transformado e perguntou-se o que era aquilo. "Sou eu? Não sou eu? É algo? É nada?" Ficou louco a pensar nessas coisas e fugiu pela noite.

Eventualmente chegou a um mosteiro. Aí viu um mendicante, a quem relatou os acontecimentos. O mendicante percebeu que seria fácil de instruir e de libertar, porque já sabia que o seu corpo não era sua posse. Assim, o mendicante deu ao viajante um resumo do ensinamento, e ele de facto atingiu a iluminação depois disso.

Vocês apenas falam em estudar Zen evocando histórias, como se isso fosse Budismo. O que estou a dizer agora é a medula do Zen; porque não indagam, descobrem e compreendem desta forma? O vosso corpo não está aí, mas também não é nada. A sua presença é a presença do corpo na mente; assim, nunca esteve lá. A sua ausência é a ausência do corpo na mente; assim, nunca foi nada.

Compreendem? Se continuarem a falar da mente, ela também não é algo nem nada; em última análise não és tu. A ideia de algo que originalmente estava lá e agora está ausente, e a ideia de algo que originalmente não estava lá e agora está presente, são visões de niilismo e eternalismo.

Poupando Energia

De um modo geral, a aplicação prática do Zen requer desprendimento dos pensamentos. Este método de Zen poupa a maior energia. Exige apenas que te desprendas dos pensamentos emocionais e compreendas que não há nada de concreto nos reinos do desejo, da forma e da ausência de forma; só então poderás aplicar o Zen de forma prática. Se tentares praticá-lo de outra maneira, parecerá amargamente doloroso em comparação.

Era uma vez um monge disciplinado que guardara os preceitos toda a sua vida. Enquanto caminhava uma noite, pisou algo que se esmagou, o que ele imaginou ser uma rã, uma mãe rã carregada de ovos. Horrorizado com a ideia de ter morto uma rã grávida, quando o monge

adormeceu naquela noite sonhou que centenas de rãs vinham exigir-lhe a vida. Ficou absolutamente aterrorizado.

De manhã, o monge foi procurar a rã que tinha esmagado e descobriu que era apenas uma beringela demasiado madura. Nesse momento, as perplexidades do monge cessaram abruptamente; ao perceber que não havia nada de concreto no mundo, pela primeira vez conseguiu aplicar isso verdadeiramente na vida prática.

Agora pergunto-te: quando ele a pisou de noite, era uma rã ou uma beringela? Se era uma rã, mas ao olhar de madrugada era uma beringela; se era uma beringela, mas na noite anterior havia rãs a exigir-lhe a vida. Consegues decidir? Vou tentar decidir por ti:

Os sentimentos das rãs podem ser largados,

mas a ideia de beringela permanece.

Se queres libertar-te

da ideia de beringela,

toca o sino da noite ao meio-dia.

A Via Mais Direta

Porque não compreendes a essência que sempre lá esteve? O Budismo não tem muito; exige apenas que vejas o caminho claramente. Não te diz para extinguires pensamentos aleatórios e suprimires corpo e mente, fechando os olhos e dizendo “Isto é Isto!” A questão não é assim.

Deves observar o estado presente. Qual é a sua lógica? Qual é o seu padrão orientador? Porque estás confuso? Esta é a via mais direta.

E quando eu não falei contigo e tu não me ouviste; há algum sentido em vir e ir? Nesse momento, não inventes racionalizações forçadas.

Dos Budas acima até à totalidade dos seres abaixo, tudo é assim. Neste sentido, sábios e pessoas comuns são iguais, errado e certo são iguais, samsara e nirvana são iguais. Agora pergunto-te: de quem são os negócios dos Budas antigos, e das gerações de passado, presente e futuro? De quem são os negócios das terras contaminadas das dez direções?

Digo-te: se compreenderes tudo isto daqui a trinta anos, perceberás que eu te disse. Apenas não digas: “Isto é Isto!” Se o fizeres, isso chama-se a visão de um estranho.

Adormecido

Neste momento, se fores questionado e não conseguires falar, onde está a falha? É geralmente por veres formas onde não há forma, ouvires uma voz onde nada foi dito, forçares racionalizações onde não há razão, afirmares controlo onde não há controlo.

Se não consegues livrar-te disto, isso é chamado “os olhos doentes ainda lá estão, flores no céu caem em confusão.” Porquê? Apenas porque a mente ainda lá está; por isso não consegues falar.

O Budismo não tem muito; apenas exige que faças uma declaração clara e simples, nada mais. Mas o que é uma declaração clara e simples? Se alguém me perguntasse, eu diria: “Já se tornou duas declarações.” Compreendes?

Um antigo disse: “Os Budas e mestres Zen deram uma explicação clara e detalhada do que está para além das palavras, mas a maioria dos que aqui chegam estão confusos, baralhados e incompreensivos.”

Se não vês isto, estás a dormir de pé. Estás sempre na luz, e ainda assim não a conheces, mesmo de olhos abertos. Como esperas que eu faça algo por ti?

Não Ver

Quando vos apresento uma coisa e outra como faço, pensam que estou a explicar Zen; mas no momento em que entram em ação, transformam-no em convenção mundana.

Só se mantiveres a atenção nisso conseguirás fazer uma descoberta; mas como vejo, a maioria de vós permanece apenas em olhos e ouvidos, vendo e ouvindo, percebendo e sentindo — já perderam o ponto. É preciso encontrar a mente não discriminatória sem abandonar a mente discriminatória; encontrar aquilo que não tem ver nem ouvir sem abandonar o ver e o ouvir.

Isto não significa que “não ver” seja sentar-se num banco com os olhos fechados. É preciso ter o não-ver dentro do ver. É por isso que se diz: “Vive no reino do ver e ouvir, mas não alcançado por ver e ouvir; vive na terra do pensamento, mas intocado pelo pensamento.”

Independência

Para que vêm vocês ter comigo? Cada indivíduo deve conduzir a vida autonomamente — não ouçam o que os outros dizem. Um antigo declarou: “Eu sabia como conduzir a vida quando tinha dezoito anos.” Vocês devem aprender a viver de forma independente.

Dizem: “Conduzir que vida?” Apenas não procurem noutro lugar. A maioria das pessoas hoje é compulsivamente ativa; isto já é não saber conduzir a vida. Isto chama-se abandonar o lar, dispersar a família e tornar-se um errante. Claramente isto não é compreensão.

Apenas procurar e buscar, estudar um pouco de conhecimento intelectual, memorizar alguns ditos, é chamado “carregar estrume para dentro.” Quando chegarem aqui, as vossas ações têm de ser verdadeiramente precisas; eventualmente isso penetrará a fundo, e então compreenderão.

Um antigo disse: “Em toda a parte és tu. Vais para leste, és tu; vais para oeste, és tu. Quem és tu?” Se disseres: “Eu”, isso é consciência emocional e intelectual, pela qual tens de passar antes de alcançares a realização.

Em tempos antigos, Vasubandhu perguntou a Asanga: “Irmão mais velho, quando foste ao palácio interior, que ensinamento te expôs Maitreya?” Asanga respondeu: “Ele expôs este

ensinamento.” Agora diz-me, que ensinamento é este? Tens de ser capaz de discerni-lo antes de o realizar.

Não fixem reconhecimento nisto. Muitos foram enganados pelo termo isto. É por isso que falam da doença como se fosse remédio. Portanto, dizemos que são dignos de piedade.

Em Sintonia

Não digas que o que está a falar agora é Isto; isso não está bem certo. Assim que há uma afirmação, há também uma negação. Essa é a razão pela qual se diz que nenhuma expressão verbal corresponde a esta realidade.

O que deves fazer é viver em harmonia com ela. Esta questão não está em outro; mas estás tu em sintonia com ela? E se estás em sintonia, em sintonia com quem?

Se dizes que estás em sintonia com os antigos, os antigos já se foram. Se dizes que estás em sintonia com um mestre, um mestre não tem ligação contigo.

É por isso que os sábios compassivamente nos disseram para sintonizar com a fonte da nossa própria mente. Agora diz-me, qual é a fonte da mente, com a qual alguém sintoniza por si próprio?

Se conscientemente tentares sintonizar com a mente, certamente não conseguirás sintonizar. Tens de sintonizar com a mente sem mente.

Aprender Zen

Deves estar em sintonia vinte e quatro horas por dia antes de alcançares a realização. Não leste como Lingyun de repente sintonizou com esta realidade ao ver flores de pessegueiro, como Xiangyan sossegou a mente ao ouvir o som do bambu a ser golpeado?

Um antigo disse: “Se não estás em sintonia com esta realidade, então toda a terra te engana, o ambiente ludibria-te.” A razão de todas as condições mundanas abundantemente presentes é apenas que esta realidade não foi esclarecida. Exorto-te, por agora, a desprenderes-te primeiro dos objectos mentais grosseiros. Vinte e quatro horas por dia pensas em roupas, pensas em comida, pensas todo o tipo de pensamentos, como a chama de uma vela a arder incessantemente.

Basta desprenderes-te dos objectos mentais grosseiros, e quaisquer subtis que existam desaparecerão naturalmente, e eventualmente compreenderás espontaneamente; não precisas de procurar. Isto chama-se pôr a conceptualização em repouso e esquecer os objectos mentais, não ser parceiro das poeiras.

É por isso que a mensagem inefável do Zen deve ser compreendida por si mesmo. Não tenho Zen para ti estudares, nem Doutrina para discutires. Quero apenas que sintonizes por ti mesmo.

A única coisa essencial em aprender Zen é esquecer os objectos mentais e parar a ruminação. Esta é a mensagem do Zen desde tempos imemoriais. Não disse já um dos Patriarcas: “Liberdade de pensamentos é a fonte, liberdade de aparências é a substância”?

Se apenas gritas e bates palmas, quando terminarás?

A Base da Consciência

Expande a iluminação, e a mente está sempre calma; acompanha as coisas, e a consciência corre desgovernada. Apenas desejo ser rico em iluminação, embora pessoalmente pobre, generoso em virtude, embora emocionalmente distante.

Aqui, sou assim todos os dias, assim todo o tempo. Mas diz-me, o que é "assim"? Tenta expressá-lo fora da consciência discriminatória, das avaliações intelectuais e das formulações verbais.

Esta realidade não é suscetível de ser compreendida pelo teu intelecto. Ora, aqueles que pensam, atendem e refletem têm alguma compreensão intelectual; mas depois, quando voltam atrás para examinar os próprios olhos e pensar na mente que pensa, nesse ponto porque dizem as pessoas inconscientemente: "Nunca foi azul, amarelo, vermelho ou branco; não tem aparência, não tem forma"? Digo-vos: isto é o que chamo conversa; não é a vossa mente original.

Como podes pensar a tua mente original? Como podes ver o teu próprio olho? Quando olhas para dentro, além disso, não há sujeito que veja. Algumas pessoas engolem isto de uma vez, e então o seu olho de visão abre-se de par em par e imediatamente chegam à sua pátria.

Como podem as pessoas hoje chegar ao ponto onde não há ver nem ouvir? Tudo está sempre lá; vês pessoas, casas e todo o tipo de formas, como água a ferver a borbulhar. Quando eram bebés, também ouviram sons e viram formas, mas não sabiam discriminar. Quando chegaram à idade da razão, então escutaram o pensamento discriminatório, e desde então sofreram a cisão entre o primordial e o temporal.

Neste ponto, é inevitavelmente difícil para as pessoas restaurarem a ordem natural, mesmo que queiram. Os que alcançam a iluminação não veem andar quando andam, e não veem sentar quando se sentam. Por isso o Buda disse: "Os olhos a ver formas equivalem a cegueira; os ouvidos a ouvir sons equivalem a surdez."

Como podemos dizer que estamos como cegos e surdos? Quando ouvimos som, não há som a ser ouvido; quando vemos forma, não há forma a ser vista. O que vemos e ouvimos equivale a um eco. É como ver todo o tipo de coisas num sonho — haverá isso tudo quando acordas?

Se dizes que sim, e contudo só lá estão o cobertor e a almofada; se dizes que não, contudo todas aquelas coisas estão claramente registadas na tua mente, e podes dizer o que eram. O mesmo é verdade quanto ao que vês e ouves agora em plena luz do dia.

Assim se diz, o que pode ser visto pelo olho ou ouvido pela orelha pode ser estudado nas escrituras e tratados; mas e a base da consciência em si — como a estudas?

Estar Apenas Aí

Onde está Shakyamuni, o Buda?

O quê? O quê?

Onde está Bodhidharma, Fundador do Zen?

Aí mesmo.

Como explicas a lógica de estar apenas aí? É inevitavelmente difícil de esclarecer. Se conseguires esclarecer isto, saberás finalmente que a verdadeira realidade está sempre aí.

Muitos especialistas Zen dizem: “A própria menção é Isto.” E então, quando estás a morrer, ou demasiado doente para falar? É necessário penetrar isto experiencialmente antes de o compreenderes.

Não leste como um buscador perguntou a Deshan: “Para onde foram os sábios antigos?” Deshan disse: “O quê? O quê?” Será que isso significa que “o quê” é em si os sábios?

Vocês ou interpretam literalmente ou então caem em ecos convencionais do que é dito. Se não caírem em expressões como eco, então caem em terra de silêncio e ausência de fala.

Esta realidade não se pode decifrar por interpretações conceptuais; se manténs alguma dessas na mente, isso transforma-se numa inclinação, alienando-te de ti mesmo. Mesmo que tentes alcançar harmonia por meio de dispositivos místicos e doutrinas maravilhosas, certamente não conseguirás. Mas se não pensares de todo, também não resulta. Tens de a experienciar pessoalmente antes de alcançares visão clara sem dúvida.

Duas Doenças

Quando as pessoas hoje estudam Zen de forma errada, é por nada mais do que duas doenças.

Uma doença é a mudez, a imobilidade sem forma no refúgio do complexo corpo-mente, onde dizes: “Mesmo que os Budas e Patriarcas Zen aparecessem, eu continuaria apenas assim.” Esta é uma doença.

A seguinte é dar reconhecimento àquilo que fala, ouve, trabalha, age, anda, está de pé, senta-se e se reclina. Isto também é uma doença. Sabes que a actividade é a raiz do sofrimento, sustentada pelo poder do vento?

Se as pessoas conseguirem libertar-se destas duas doenças e se envolverem numa investigação total, algum dia hão de despertar. Caso contrário, não há limpeza possível.

Há também dois tipos de benfeitores que falam asperamente como expediente para dois tipos de estudantes.

Estudantes de um tipo inventam raciocínios por conta própria e expressam coisas por conta própria, avançando e recuando, erguendo os punhos e juntando as palmas, pensando que isto é o caminho do Zen. Os benfeitores, ao vê-los assim, falam-lhes asperamente, dizendo: “Compreendeste mal. Porque está a tua atenção tão fixada quando na verdade não há problema?” Este é um tipo de benfeitor.

Outro tipo de estudante diz: “Não compreendo, não sei. Porquê? Porque não estou de todo em sintonia.” Portanto, os benfeitores, vendo assim as pessoas, dizem-lhes: “Não há nada de errado contigo; porque procuras compreender e sintonizar?” Este é outro tipo de benfeitor.

Se ambos os tipos de estudantes ouvirem os benfeitores falar assim, e conseguirem virar a atenção e estudar através da experiência, inevitavelmente alcançarão esclarecimento. Se

apenas dizem que não compreendem, estão a criar a sua própria estagnação; mesmo após mil anos seriam apenas os mesmos.

Felizmente, estás mesmo no meio disto; se continuares a dizer que não compreendes e procuras sintonizar com isto, quando terminarás?

Queres compreender? Não deves estabelecer medidas limitadas; tens de o apreender directamente antes de o alcançares.

A Mente em Si

Deixa-me dar-te uma ilustração. As pessoas têm olhos, com os quais podem ver todo o tipo de formas, como comprido e curto, quadrado e redondo, e assim por diante; então, porque não se veem a si próprias? Apenas percebendo formas, não consegues ver os teus olhos mesmo que queiras.

A tua mente é também assim; a sua luz brilha perceptivamente pelas dez direções, abrangendo todas as coisas, então porque não se conhece a si própria?

Queres compreender? Basta discernir as coisas percebidas; não podes ver a mente em si.

Um antigo disse: “A faca não se corta a si mesma, o dedo não se toca a si mesmo, a mente não se conhece a si mesma, o olho não se vê a si mesmo.” Esta é a verdadeira realidade.

Ver Através

Vocês têm estado aqui de pé há já bastante tempo; viram algum verdadeiro mestre até agora? Não fiquem aí parados em vão.

Eu sou apenas aquilo a que chamo um ancião provisório. Um sábio antigo disse, a propósito disto: “Apenas usando terminologia provisória para guiar as pessoas, o Buda foi um velho mendicante indiano, que não vos incomodou com discriminar aparências e agarrar formas.”

O que é Shakyamuni, o Buda? Quem é Bodhidharma, o fundador do Zen? Havia Budismo antes de o fundador aqui chegar? Como podes dizer que não havia? Se dizes que não havia, isso é apenas autoilusão. Quando Bodhidharma estava voltado para a parede durante nove anos, havia tantos ensinamentos verbais e casos públicos? Ver através desta forma é um atalho muito económico.

Quando não tinhas vindo aqui, eu não te tinha visto e tu não me tinhas visto. Se não me vês e eu não te vejo, como pode haver discernimento e esclarecimento? Se consegues alcançar esclarecimento, que mais há em causa?

Antes de o Buda aparecer no mundo, era assim; depois de o Buda aparecer no mundo, também era assim, e depois de o Buda ter partido, continuava a ser assim. Se chegas a este estado de assim-idade, não há realmente problema nenhum.

À medida que vocês andam nas vossas atividades diárias e cuidam das necessidades à medida que surgem, como podem dizer que não há problema nenhum? Só aqueles que de facto o viram podem saber que é assim.

Em tempos antigos, quando Kasyapa, o Ancião, prestou respeitos ao Buda na assembleia do Pico Espiritual, ao ver a vasta multidão em estado de digna compostura, teve uma intuição e

disse: “Esta imensa multidão aqui presente agora é como se nunca tivesse existido.” Diz-me tu, o que significa isto?

Há pouco, vocês estavam nos vossos próprios lugares, onde não viam tantas pessoas. Agora que estão aqui, claramente veem um número considerável de pessoas. Como podem dizer que elas são como se nunca tivessem sido?

Antigamente, certo velho adepto perguntou a um buscador: “De onde vens agora?” O buscador respondeu: “Da cidade.” O adepto disse: “Onde estás agora?” O buscador disse: “Nas montanhas.” O adepto disse: “Tenho uma pergunta para te fazer. Se puderes responder, podes ficar. Se não, então parte. Ora bem, quando saíste da cidade, a cidade ficou a faltar-te; quando vieste para as montanhas, as montanhas tinham-te a mais. Se estás ausente na cidade, a realidade da mente não é universalmente omnipresente; se és um extra nas montanhas, então há algo fora da mente.” O buscador não teve nada para dizer.

Se conseguires compreender isto, como se diz, não cairás no niilismo nem no eternalismo; as tuas seis faculdades sensoriais estarão pacíficas, e estarás tranquilo e quieto quer em atividade quer em repouso. Uma mente não-nascida, miríades de enredos cessam.

De outra forma, se não fores assim, cais no niilismo ou no eternalismo, dependendo do ser ou do não ser. Isto é como fugir de casa.

Neste ponto, realmente não te digo para gastares o mínimo esforço; então compreenderás assim. Se queres harmonizar-te com esta realidade, fazendo com que não haja brecha, então já te separaste dela.

Quando contemplei esta questão no passado, costumava pensar que seriam precisas duas ou três vidas para alcançar a iluminação. Mais tarde, ao ouvir que alguém tivera um despertar, ou alguém tivera uma intuição, percebi que as pessoas de hoje também podem iluminar-se. Em momentos em que é possível reduzir os enredos, estuda claramente o teu eu; isto é muito importante.

Falar Eficazmente

Se alguém te questionar, como responderias? Consegues falar eficazmente? Se só consegues falar depois de pensar e te concentrares, de que serve a tua declaração?

À meia-noite, como falas? Ao levantar de madrugada, como falas? No corredor, na latrina, como falas?

Consegues falar eficazmente? Os teus olhos têm de estar claros antes que possas.

Realização Nua

Agora mesmo um assistente veio e anunciou que a chuva não para, e que as pessoas podem não conseguir ouvir se se realizar uma reunião à chuva. Suponhamos que a chuva parasse agora — então ouvirias?

Digo que é melhor quando a chuva não pára. Porquê? Porque não estás deliberadamente a tentar ouvir.

E quando dizem que o som da chuva te pregou um sermão? Está certo? Não concordo; o som da chuva é tu a pregares um sermão. Mas compreendes? Esclarece-o diretamente, então que mais há?

As pessoas que hoje viajam para estudar Zen deveriam trazer uma declaração para harmonizar com o mestre. Porque é que se magoam e se apertam assim?

Deixa-me também perguntar-te, com que mestre te harmonizarias? Se queres harmonizar-te com um mestre, basta conheceres a tua própria mente.

Agora deixem-me perguntar-vos, o que é a vossa mente? E como a conhecem?

Aqui não podes forçar uma compreensão; tens de olhar verdadeiramente para dentro e descobri-la.

Os antigos não tiveram escolha senão fazer explicações provisórias onde não há explicação, empregando meios expedientes onde não há expedientes. Um dia, quando Xuansha foi às montanhas, encontrou um tigre. O seu assistente disse-lhe que havia ali um tigre, mas Xuansha apenas disse: "É o teu tigre." Ora, com montanhas e rios a cruzar a terra, domínios de existência por todo o lado, pensamentos discriminatórios a ramificarem-se em mil e a divergirem em milhões, como podes explicar esta lógica de "é teu"?

Se não compreenderes isto, serás fatalmente obstruído em todo o lado. É apenas porque tens seguido os sentidos materiais e sido influenciado pelas coisas desde tempos imemoriais. Tentaste apontar — o que são as coisas, e o que és tu?

É por isso que um buscador perguntou a Xuansha: "Acabo de entrar na comunidade; mostra-me, por favor, um caminho de acesso." Xuansha disse: "Ouvem o som da corrente do vale?" O buscador disse: "Sim." Xuansha disse: "Ganha acesso a partir daqui."

Hoje em dia, as pessoas não compreendem claramente esta história, dizendo simplesmente: "A essência da mente é omnipresente; quem mais ouve?" Que relevância tem este tipo de discurso? Tens de estar completamente nu antes de alcançares a realização.

Por agora pergunto-te, vestiste-te?

Consegues ser tão sem vergonha!

Ver a Mente

Assim que racionalizas, é difícil compreender; deves abster-te de racionalização antes de alcançares a realização.

Ao ouvir tais palavras, algumas pessoas declaram de imediato: "Não tenho nada a dizer, nem razão nenhuma também." Não percebem que isto é, de facto, uma racionalização!

Vou resolver isto para ti agora mesmo: a regra suprema é veres claramente a tua própria mente. Isto é o Budismo, no que me diz respeito.

Um antigo disse: "A mente não se conhece a si mesma, a mente não se vê a si mesma." Então como a podes ver claramente?

Mesmo sendo a tua própria mente, é difícil de ver. Todos os sábios desde tempos imemoriais foram pessoas que viram claramente as suas próprias mentes. O meu falecido mestre foi

alguém que viu a sua própria mente, mas entre aqueles aqui que também se associaram a ele no passado, são muito poucos os que veem claramente a sua própria mente.

A mente não vê a mente; para a alcançar, não deves vê-la como mente. Este é um reino para além dos pensamentos.

Agora, se digo isto às pessoas, pensam que estou a criticar todos os outros, mas se não falar sobre isso, será difícil elucidar. Mestres Zen de certo tipo dizem às pessoas: "Tolos! Porque não compreendem isto?" Primeiro fazem um cliché de "a vossa própria mente", depois tentam usar a mente para a realizar. Isto chama-se cravar um prego num cepo e depois correr à volta do cepo.

Eles transmitem assim, e é recebido assim, batendo nas cadeiras e erguendo os bastões de penas. Isto chama-se tentar usar a mente por meio da mente.

Há outro tipo de mestre Zen que diz às pessoas para não fazerem avaliações lógicas, que perdem o contacto no minuto em que falam, e que devem reconhecer o primordial. Este tipo de "mestre" não tem explicação alguma. É como estar sentado sobre um balão — onde está aí o conforto? É também como o coaxar de um sapo-boi. Se alimentares tal visão, é como estar preso numa neblina negra.

Estou a exortar-vos com toda a seriedade; não estou a mentir, não estou a inventar racionalizações para apanhar pessoas, não permitirei que se oprima o livre. Não tenho tais razões. Se reconheces isto, isso depende de ti. Se dizes que também vês assim, isso depende de ti. Se dizes que está tudo bem de acordo com a tua perceção, isso depende de ti. Se dizes que a tua mente ainda está inquieta, isso depende de ti. Só podes alcançar a realização se não te enganares a ti próprio.

Há bastantes mestres Zen no mundo, a falar de Zen, a falar de Tao. Achas que estão autoiludidos ou não autoiludidos? Achas que estão a enganar os outros ou não a enganar os outros? É imperativo discernir minuciosamente.

Antigamente, quando eu estava na escola do meu falecido mestre, aceitei uma vez um convite para ir a certo lugar. Pelo caminho apanhei uma chuvada e escorreguei na lama. Sentindo-me aborrecido, disse a mim mesmo: "Estou na jornada mas não consegui alcançar Zen. Não comi nada o dia inteiro, e agora tenho de suportar também esta miséria!" Então aconteceu ouvir duas pessoas a ralharem uma com a outra: "Estás ainda a aborrecer-te a ti mesmo!" Ao ouvir isto, de repente senti-me radiante. Então percebi que não conseguia encontrar o estado onde não há aborrecimento. Isso porque não conseguia romper o meu sentimento de dúvida. Demorei quatro ou cinco anos depois disso a alcançar este conhecimento.

Agora deveis exercitar a vossa atenção desta forma. Mencionei o dito de que as coisas inanimadas ensinam, mas muitos são os que o entendem mal. Quando veem coisas inanimadas, dizem que são inanimadas, e quando veem seres animados consideram-nos animados.

Se vós, que estudais Zen, não compreendeis o ensinamento do inanimado, como podeis compreender a tarefa da jornada? Se aqueles que atuam como mestres não compreendem o ensinamento do inanimado, como podem lidar com as pessoas de maneira benéfica?

Exorto-vos a examinar de perto o suficiente para efetuar um despertar. Se ainda não tendes uma perspetiva desperta, então abordai-o de forma descontraída; não vos apresseis.

Descoberta

O meu mestre costumava contar uma história metafísica. Suponhamos que duas pessoas de um país estrangeiro vêm a uma grande nação para investigar coisas. Quando entram primeiro no território, os dois conversam e decidem separar-se; um irá para leste, o outro para oeste. De estado em estado vão, de condado em condado, viajando por colinas e vales, até chegarem à capital oriental.

Os dois de repente cruzam-se à porta da cidade capital. Ao olharem-se um ao outro, sem dizerem uma palavra, as coisas de que tinham falado no seu próprio país estão claras. Agora entram, lado a lado, desconhecidos para todos.

Estranho! Diz-me, como é quando se encontram? É como praticantes Zen a trabalhar: hoje realizam um bocadinho, amanhã descobrem mais um pouco, e continuam a investigar até que um dia isso se torna evidente para eles. Isto é como esse encontro à porta da cidade capital. Isto chama-se despertar, ou rompimento, ou descoberta. Tens de alcançar isto pelo menos uma vez; só então se pode dizer que a tarefa da jornada está feita.

É também como encontrar o teu pai numa grande cidade muitos anos depois de teres deixado a terra natal. Não precisas de perguntar a ninguém se é ou não o teu pai.

Mantém-te focado desta forma. Não tomes isto por ócio; o tempo não espera por ninguém. Um mestre antigo disse: “Não desperdices o tempo!” Cada um de vós deve trabalhar por si.

Mostrar a Verdade

Um antigo disse: “Não há som de tambor num sino, e não há som de sino num tambor.” Como podem os estudantes de hoje chegar a este estado? Às vezes, quando dou entrevistas pessoais, fazem uma declaração, e depois quando insisto mais apenas afirmam que já responderam e que não poderia haver mais nada. Claramente, se trabalham assim não têm de todo domínio da questão.

Idiotas! Não leram o dito dos sábios antigos: “Mostra a verdade em cada palavra, refere-te à fonte em cada declaração”? Ainda não compreendeis; apenas adotais posições ao acaso. Não sejam mais assim quando vierem a entrevistas. Embora se possa dizer que não compreendem, ainda podem ser endireitados.

Zen Real

Aqueles que afirmam ser zenistas têm de confiar no que dizem os que sabem antes de o alcançar. Se não acreditarem, tornam inútil toda a conversa. Se apenas ouvirem sem acreditar nas palavras dos que sabem, como podem ser chamados zenistas?

Zenistas verdadeiros compreendem tudo quando a erva se inclina na brisa, quando o pó se levanta no vento; discernem de imediato antes de surgirem quaisquer sinais, antes de caírem em cadeias de pensamento, antes de algo se agitar. Só então alguém pode ser chamado zenista.

Porquê? Esta coisa é usada contra o nascimento e a morte, por isso tens de ser alguém que não esteja longe para a alcançar.

Não leste como Yunyan estudou com Baizhang durante vinte anos sem esclarecer esta questão? O seu irmão mais velho Daowu roeu até à carne do dedo por preocupação com ele. Vê como esse homem antigo ainda não se inquietava embora não tivesse esclarecido esta questão, dizendo que não compreendia. A sua vontade nunca cedeu, e também não foi atrás de expressões verbais.

E que dizer do mestre Xuefeng, que foi a Touzi três vezes e a Dongshan nove vezes! Quando estava na escola de Touzi, um dia enrolou o biombo e entrou no eremitério. Quando Touzi o viu a chegar, levantou-se do banco e ficou de pé.

Xuefeng hesitou, procurando algo para dizer; Touzi empurrou-o para fora. Xuefeng só pôde chorar. Mais tarde, quando foi a Dongshan, ainda não conseguiu compreender. Depois, quando foi a Deshan, perguntou: “Tem o estudante parte na iluminação dos sábios de tempos imemoriais?” Deshan bateu-lhe e exclamou: “O que estás a dizer!” Nesse momento, a mente de Xuefeng abriu-se, como um balde cujo fundo caiu. Quando chegou ao Monte Tartaruga, no entanto, disse que ainda tinha alguma dúvida. Vê como esse homem antigo não descansava até que a sua massa de dúvida tivesse sido desfeita. Por isso se diz: “Feita a tarefa, a mente repousa; esta realidade, afinal, está em todo o lado onde a encontres.”

Hoje em dia, a maioria dos estudantes de Zen cria interpretações baseadas em palavras, assumindo arbitrariamente domínio, ou então pegam nas histórias dos despertares dos antigos e olham para elas, chamando a isto “contemplar ditos.” Que relevância há nisso? Quando Xuefeng foi a Touzi três vezes e a Dongshan nove vezes, achas que o fez por palavras?

Deves simplesmente recuar e estudar através da experiência total. Como recuas? Não te estou a dizer para te sentares num banco de olhos fechados, a reprimir rigidamente corpo e mente, como terra ou madeira. Isso nunca terá utilidade, nem em um milhão de anos.

Quando quiseres recuar, se houver ditos ou histórias que não compreendas, coloca-os diante de ti, recua e vê por ti próprio porque não compreendes.

Monges profissionais dizem: “Pensar não serve; não pensar também não serve.” Então como ensinam as pessoas a contemplar? Eu digo-te, apenas recua e olha.

Pff! Certo é que causa dificuldades às pessoas! Certo é que é difícil de compreender! Mas olha — o que é que incomoda as pessoas? Quem é que incomoda alguém? Recuem e olhem assim; gradualmente despertarão, e com cada dia que passa a iluminação expandir-se-á e aumentar-se-á.

E ainda assim, não deveis reconhecer fanaticamente só isto e de imediato proclamar realização perfeita, pois então estareis dependentes e fixados. Então será ineficaz. Deveis aplicar alguma sabedoria na vossa observação.

Os antigos permitiram-vos focar num percurso: se parares e recuares desta forma, garanto que há razão. Isto é o que se considera incompreensível e não suscetível de conhecimento.

Há também um tipo que fala descontroladamente e discursa ao acaso, questionando isto e aquilo. Mais uma vez, apenas recua e olha; o que é isso que fala descontroladamente e discursa ao acaso? Apenas vira a tua atenção e reflete. Continua a trabalhar assim, e eventualmente certamente despertarás. Se não acreditares, nada posso fazer quanto a isso.

Quando pela primeira vez visitei certo mestre, ele ensinou-me a contemplar este dito: “Qual é o grande significado do Budismo? Junto à cidade do Rei de Chu, o rio corre para o oriente.” Ensinou-me também a contemplar o dito: “Não é o movimento do vento, nem o movimento da bandeira, mas o movimento da tua mente.”

Então, quando parti e fui visitar mestres por toda a terra, fiz-lhes perguntas. Os antigos eram inteiramente fiéis à realidade, e os velhos mestres explicaram de inúmeras maneiras, mas eu simplesmente não conseguia compreender.

Finalmente parti para viajar para o leste da China, mas a meio do caminho virei para trás e regressei. Agora disseram-me para contemplar a história: “‘Se matares os teus pais, arrependes-te diante do Buda; se matares o Buda, onde te arrependes?’ Yunmen disse, ‘Exposto.’” Este caso é como uma bola de ferro em brasa na mente, e sofri todo o tipo de tormentos durante sete anos. Aqueles de vós que estudaram Zen durante muito tempo saberão o que quero dizer.

Deixa-me contar-te outra história. Quando Huaitang começou a estudar Zen, viu primeiro Yunfeng Yue. Durante três anos não conseguiu compreender do que falava Yunfeng. Estudou também com o mestre Zen Nan, e depois de dois anos ainda não compreendia. Depois foi passar um retiro de verão num mosteiro. No Transmission of the Lamp, leu a história em que alguém perguntou a Duofu: “O que é o bosque de bambu de Duofu?” Ele respondeu: “Uma cana, duas canas inclinadas.” Ao ouvir isto, Huaitang finalmente abriu-se e despertou.

Hoje em dia as pessoas chamam a isto apenas diálogos. Isto deve-se à falta de precisão em aplicar esforço, falhando em compreender os expedientes dos antigos. Exorto cada um de vós, já que estão numa comunidade, a estudar o caminho de forma independente, sem perder tempo inutilmente, tomando a iluminação como regra.

Maravilha

A associação com bons companheiros é uma recomendação séria dos antigos sábios. Os estudantes de hoje devem seguir as palavras dos Budas e Patriarcas, procurando um mestre para alcançar discernimento. Caso contrário, como se podem chamar estudantes?

Se querem esclarecer esta questão, têm de suscitar a maravilha e investigá-la. Se se maravilharem profundamente com esta questão, o conhecimento transcendente manifestar-se-á. Porquê? A tarefa da jornada requer apenas que o sentido de dúvida cesse. Se não despertarem ativamente a maravilha, como pode cessar o sentido de dúvida?

O meu mestre tinha trinta e cinco anos quando se tornou monge. Ficou na cidade de Chengdu a ouvir palestras sobre Os Cem Fenómenos como Representação Apenas. Aí ouviu um dito sobre como, quando um budista entra no caminho da visão, conhecimento e princípio fundem-se, ambiente e mente unem-se, e não há distinção entre aquilo que realiza e aquilo que é realizado. Um hindu desafiou os budistas: “Se não há distinção entre o que realiza e o que é realizado, o que se usa como prova?” Ninguém conseguiu responder a este desafio, e os budistas foram declarados derrotados no debate. Mais tarde, o mestre canónico budista da dinastia Tang veio em defesa da doutrina: “Quando conhecimento e princípio se fundem, ambiente e mente unem-se, é como ao beber água: espontaneamente se sabe se está fria ou quente.”

E quanto às viagens do meu falecido mestre a visitar mestres — porque é que disse depois que questionou um avô idoso? E quanto a vender e comprar-se a si mesmo — o que significa isso? Deveis compreender que não há excesso; o que o homem antigo disse és todo tu.

Ele também disse: “Nunca tive uma única declaração para te alcançar. Se tivesse uma declaração para te alcançar, de que serviria?” Queres que o teu sentimento de dúvida se quebre? Também tu tens de ser como foi o meu falecido mestre, antes de conseguires realizar isso.

Agora o meu mestre pensou: “Pode estar fria ou quente, está bem; mas o que é esta questão do saber espontâneo?” Maravilhou-se e questionou muito profundamente. Perguntou ao palestrante sobre o princípio do saber espontâneo, mas o palestrante não soube responder; em vez disso, disse: “Se queres esclarecer este princípio, eu não o consigo explicar, mas no Sul há adeptos que descobriram a fonte da mente iluminada; eles conhecem esta questão. Terás de viajar por isso.”

Assim, o meu mestre foi viajar. Foi à capital, e por toda a região oriental dos rios, perguntando a cada adepto Zen que encontrava sobre esta questão. E todos aqueles a quem perguntou lhe deram uma resposta. Alguns explicaram, alguns falaram em aforismos. Em qualquer caso, o seu sentimento de dúvida permaneceu inquebrado.

Mais tarde chegou a Fushan. Vendo que tudo o que Fushan dizia em palestras e entrevistas era relevante para o que estava na sua mente, acabou por ficar lá um ano. Fushan fê-lo contemplar a frase: “O Buda tinha um dito secreto, Kasyapa não o escondeu.” Um dia Fushan disse-lhe: “Porque não vieste mais cedo? Deves ir ter com Baiyun Duan.” Então o meu mestre foi a Baiyun. Um dia, quando entrou no auditório de ensino, de repente realizou a grande iluminação. “‘O Buda tinha um dito secreto, Kasyapa não o escondeu’ — claro! Claro! Quando conhecimento e princípio se fundem, ambiente e mente unem-se, é como quando alguém bebe água e espontaneamente sabe se está quente ou fria. Quão verdadeiras são estas palavras!” Então compôs um verso sobre a sua realização:

Num campo ocioso diante da montanha

Educadamente pergunto a um avô idoso.

Quantas vezes me vendi e comprei a mim mesmo?

Graciosamente, o pinheiro e o bambu trazem uma brisa clara.

Quando Baiyun leu isto, acenou com a cabeça. Não é isto um caso de duvidar e maravilhar-se profundamente, aproximar-se de pessoas que sabem, e só então conseguir esclarecimento?

Apenas Isto

Considera o caso do Grande Mestre Ma: vendo um monge a descer as escadas, o Mestre chamou por ele: “Ó Digno!” Quando o monge virou a cabeça, o Mestre disse: “Do nascimento

à morte, é apenas esta pessoa; porque viras a cabeça e revolves o cérebro?" Esse monge compreendeu a mensagem essencial com estas palavras.

Qual é a lógica disto? "Do nascimento à morte, é apenas esta pessoa." Diz-me, que pessoa é esta? Assim que despertas a intenção de ver "esta pessoa", então não vês esta pessoa. "Esta pessoa" é difícil de ver. Muito, muito difícil. As pessoas de hoje simplesmente dizem: "Esta é 'esta pessoa' — quem mais poderia ser? Não poderia haver outro." Noventa e nove em cada cem compreendem desta forma; que apreensão têm eles? Se interpretas assim, como podes compreender a questão de "do nascimento à morte" e como podes vê-la imediatamente como "apenas esta pessoa"?

Se não vês "esta pessoa", não fazes ideia de como o teu ser mortal acabará.

E quanto a esta palestra e audição neste momento — há de facto palestra e audição, ou não há palestra nem audição? Se dizes que estás aí de pé enquanto eu estou aqui sentado, eu a falar e tu a ouvir, qualquer aldeão pode dizer tal coisa — como vos podeis chamar zenistas? Se dizes que não há palestra nem audição, mesmo assim foi feita a declaração: "Do nascimento à morte, é apenas esta pessoa."

Portanto, quando chegas a este ponto, precisas de encontrar um indivíduo realizado para discernir precisamente.

Antes de eu ter compreendido, estava totalmente desamparado, por isso perguntava ao meu mestre. Assim que fazia uma pergunta, o meu mestre dizia apenas: "Não compreendo. Não sei. Não sou tão bom como tu." Também perguntei se o Zen é, em última análise, fácil de aprender ou difícil de aprender. Ele apenas me disse: "Estás bem; porque perguntas sobre dificuldade e facilidade? Aprender Zen é chamado fenómeno de ouro e esterco. Antes de o compreenderes, é como ouro; quando compreendido, é como esterco." Eu não aceitei isto na altura, mas agora que pensei melhor, embora as palavras sejam grosseiras, a mensagem nelas não é superficial.

Estes são exemplos de como as pessoas perfeitamente realizadas nunca pronunciam uma única palavra ou meia frase sem propósito. Sempre que tentam ajudar os outros, nunca dão instruções ao acaso, e não aprovam pessoas arbitrariamente. Hoje em dia há mestres por todo o lado que às vezes falam corretamente e outras vezes falam sem domínio. Porquê? Porque ainda não alcançaram a realização perfeita. Às vezes aprovam pessoas e dizem que estão certas, mas depois dizem que não estão; como é possível esclarecer "do nascimento à morte, é apenas esta pessoa" desta forma?

Quando olhas de perto, vês que as pessoas do presente não são outras senão as pessoas de outrora, e as funções do presente não são outras senão as funções do passado; mesmo passando por mil mudanças e miríades de transformações, aqui é apenas necessário que reconheças diretamente antes de o alcançares.

A razão pela qual as pessoas hoje não o alcançam é apenas porque não sabem distingui-lo com certeza. Como é que não conseguem distingui-lo com certeza? Apenas inventam interpretações de ditos antigos, escavando-os subjetivamente. Se apenas fizeres isto, nunca compreenderás. Porquê? Digo-te: se "viras a cabeça e revolves o cérebro", já estás errado. A forma mais económica aqui é poupar energia, não perguntando sobre isto e aquilo mas apreendendo-o claramente da maneira mais direta.

Vocês primeiro vieram com racionalizações, usando ditos antigos para se embrulharem e amarrarem a si próprios. É como espalhar um punhado de terra sobre uma superfície limpa.

Eu disse-te que não devias vir aqui agora como vinhas antes. Tens de alcançar uma compreensão antes de isso ser possível. Alguns dizem: “Eu era assim antes, e sou assim agora.” Logo aí tropeças na consciência emocional. Como poderia eu culpar-te? Os antigos foram tão compassivos que te disseram: “Andar é o Buda a andar, sentar é o Buda a sentar, todas as coisas são o ensinamento do Buda, todos os sons são a voz do Buda.” Tu entendeste mal, supondo que todos os sons são realmente a voz do Buda e que todas as formas são verdadeiramente formas do Buda. Uma vez que não é admissível compreender desta forma, então o que seria o certo? Eu digo-te: no instante em que tocas nos sinais, já estás alienado; quando queres manifestá-lo pela luz do conhecimento, já o obscureceste. Agora, não te prendas às minhas palavras; cada um de vós faça o seu próprio trabalho de forma independente. Podes contemplar as histórias dos antigos, podes sentar-te em silêncio, ou podes observar atentamente em todo o lado; todas estas são formas de realizar o trabalho. Todo o lugar é lugar de realização, mas concentra-te num ponto durante dias e meses seguidos, e certamente irás romper.

Quando Guling regressou da sua viagem, o seu mestre perguntou-lhe: “Deixaste-me para ir viajar; o que alcançaste?” Guling respondeu: “Vi Baizhang e alcancei paz e felicidade.” E então citou um verso de Baizhang:

A luz espiritual, brilhando independente,
transcende os sentidos e os objectos,
a essência é revelada, real e eterna,
não confinada a palavras escritas.
A natureza da mente não tem mancha;
é de base completa em si mesma.
Basta desprender-se dos falsos objectos mentais
e despertar para o ser-tal-como-é.

Ao ouvir estas palavras, o velho mestre iluminou-se. Também o mestre Xuefeng, ao ver uma brisa agitar folhas de taro, mostrou-as a um estudante. O estudante disse: “Estou bastante assustado.” Xuefeng estalou a língua e disse: “É um acontecimento da tua própria casa; porque tens medo?” Esse estudante então também teve um despertar.

Visto que todo o tempo é um acontecimento da tua própria casa, porque não compreendes? Porque vagueias por todo o lado, não estás sempre em casa. Mas agora que estás perante um mestre, não te esqueças de ti mesmo. Isto chama-se agir de acordo com a razão, conhecer o supremo em si próprio. Do nascimento à velhice, é apenas esta pessoa; porque virar a cabeça e fazer rodar os pensamentos? Cada um de vós investigue isto por si mesmo.

Continuar a Evoluir

Se agora compreendeste, onde está aquilo que antes não podias compreender? Se não consegues compreender agora, quando compreenderás?

Examina repetidamente desta forma, e deves chegar a compreender. É por isso que se diz: “O que antes compreendeste mal é o que agora compreendes; o que agora compreendes é o que antes compreendeste mal.”

Também se diz: “Quando vem a luz, as trevas desaparecem; quando o conhecimento entra em acção, a confusão é esquecida.” Mas poderá realmente ser assim? Como poderá ser assim? Isso significaria que há trevas a destruir e confusão a remover. Não leste o antigo ditado: “Não mudes a pessoa anterior, apenas muda o comportamento anterior”?

Vós, seguidores do Zen, dizeis: “Qual é a dificuldade? O mal-entendido é apenas ‘esta pessoa’, e a compreensão é apenas ‘esta pessoa’. Não pode haver outra.” Mas quando se pergunta o que é “esta pessoa”, ficai sem resposta; ou então falais ao acaso. Isto é por não terdes alcançado uma realização verdadeiramente precisa. Esta é uma doença que vos entrou nos ossos e na medula. Pessoas em erro apegam-se a um reconhecimento de cessação ao longo de uma vida inteira. De facto, “param” não apenas por uma vida, mas por mil vidas, miríades de vidas. Quanto aos espiritualmente afiados, deveriam saber como investigar experiencialmente quem é “esta pessoa”, buscando directamente uma visão.

Uf! O budismo de hoje está apagado; mesmo em grandes assembleias é difícil encontrar pessoas adequadas. Enquanto estais aqui a estudar o caminho nesta escola, não desperdiceis as vinte e quatro horas do dia; concentrai-vos em alcançar a visão. Ainda não estais muito afastados; não lestes como o mestre Linji disse: “Há uma verdadeira pessoa sem estatuto no amontoado nu de carne, sempre a entrar e a sair pelas portas dos vossos sentidos; aqueles que não a viram, olhem!” Naquele momento, um estudante avançou e perguntou: “O que é a verdadeira pessoa sem estatuto?” Linji levantou-se da cadeira, agarrou o estudante e disse: “Fala! Fala!” O estudante hesitou, tentando pensar em algo, então Linji empurrou-o.

Linji também disse: “Os vossos olhos irradiam uma luz que brilha através de montanhas e rios.” Os antigos foram tão compassivos, mas as pessoas de hoje não o levam a peito, e precisam de procurar alguém para encontrar certeza.

Não lestes como Yantou, Xuefeng e Jinshan foram ver Linji, e encontraram o Velho Ding pelo caminho? Yantou perguntou: “De onde vens?” Ding disse: “De Linji.” Yantou inquiriu: “O mestre está bem?” Ding respondeu: “O mestre faleceu.” Yantou disse: “Viemos especialmente prestar respeitos ao mestre Linji, mas agora ouvimos que faleceu e não sabemos o que disse. Por favor cita um ou dois dos seus ditos.” Ding então contou a história anterior sobre Linji dizer: “Há uma verdadeira pessoa sem estatuto no amontoado de carne nua, sempre a entrar e a sair pelas portas dos vossos sentidos; aqueles que ainda não a viram, olhem!” Quando um estudante avançou e perguntou o que era a verdadeira pessoa sem estatuto, Linji levantou-se da cadeira, agarrou o estudante e disse: “Fala! Fala!” Quando o estudante hesitou, tentando inventar algo para dizer, Linji empurrou-o e disse: “Que bosta seca é a verdadeira pessoa sem estatuto!” Depois Linji voltou aos seus aposentos.

Ao ouvir este relato, Yantou ficou atónito. Jinshan comentou: “Porque não disse, ‘No amontoado de carne nua não há verdadeira pessoa sem estatuto’?” Ding agarrou-o e disse: “Diz-me, quão afastados estão uma verdadeira pessoa sem estatuto e não uma verdadeira pessoa sem estatuto? Fala depressa!” O rosto de Jinshan empalideceu, depois ensombrou-se. Yantou e Xuefeng disseram: “Perdoa este noviço por te insultar, Ancião.” Ding comentou: “Se não fosse por vocês dois velhotes, já teria dado um murro neste mijão de cama!”

Repara: quando Jinshan disse, “Não uma verdadeira pessoa sem estatuto”, porque não concordou Ding? Como podem os estudantes de hoje alcançar tal estado? Apenas reconhecem o corpo mortal e forçam-se a agir como se estivessem no comando, incapazes de o largar. Agora citarei algumas histórias para considerarem.

Xuefeng foi ter com Touzi e perguntou: “Há alguém a quem recorrer aqui?” Touzi largou a enxada. Xuefeng disse: “Então vou cavar aqui mesmo onde estou.” Touzi disse: “Idiota!” Embora dissesse que ia cavar ali mesmo, ainda assim foi chamado de idiota. Quando o Grande Ancião Nanji encontrou Xuefeng, a sua conversa estava em plena concordância. Xuefeng enviou-o a ver Xuansha. Xuansha perguntou: “Um antigo disse, ‘Apenas eu posso saber isto.’

Como compreendes?" Nanji disse: "Deves perceber que há alguém que não procura saber." Xuansha disse: "És um Grande Ancião — porque tanto trabalho?" Qual é a lógica disto?

Quando o meu falecido mestre estava na escola do Mestre Baiduan, o mestre citou um antigo dito: "É como um espelho que reflecte imagens; quando uma imagem se forma, para onde foi o brilho do espelho?" Nessa altura, vários estudantes deram respostas, mas o mestre não aceitou nenhuma. Naqueles dias, o meu mestre trabalhava como angariador de fundos; quando regressou, Baiduan citou novamente o dito e perguntou-lhe sobre isso. O meu mestre aproximou-se, cumprimentou e disse: "Ainda não está longe." Baiduan bateu palmas e riu. Todos pensaram que Baiduan o queria nomear chefe de angariação de fundos; que género de fala é essa?

Aqui só vos exijo que estudem o caminho. A vossa primeira prioridade, vinte e quatro horas por dia, deve ser livrar-se do egotismo não iluminado em relação aos outros. Porquê? O egotismo em relação aos outros é assunto de medíocres.

O meu falecido mestre nunca teve egotismo em relação aos outros. Como seu assistente vi bastante, mas nunca o vi ter um único pensamento de aborrecimento. Uma vez, quando estava em Haihui, havia um certo monge sénior que servia como superintendente da hospitalidade. Quando o meu falecido mestre enviou um grande ancião para liderar a comunidade em Sihai, pediu ao superintendente da hospitalidade que o acompanhasse. O sénior cuspiu-lhe na cara e disse: "Quem és tu para me dizeres que o devo acompanhar?" Continuou com este discurso vil, de modo que o meu mestre acabou por desistir. Ninguém soube disto. Mais tarde, quando o meu mestre foi a Taiping, nomeou esse indivíduo tesoureiro, e também o fez líder da assembleia. O meu mestre pediu ele próprio para ser superintendente da instituição, e até nomeou o outro para a abadia de Taiping. O governador não aprovou esta nomeação, e o superintendente injuriou o meu mestre, dizendo que não o apoiava suficientemente. Finalmente, o meu mestre falou: "Este sujeito já me gritou duas vezes!" Por isto podemos ver que não tinha egotismo em relação aos outros.

As pessoas agora querem compreender teoricamente de imediato, assim que algo é dito. Como podem aprender o caminho desta maneira? Por vezes vejo principiantes vir a entrevistas incapazes de fazer algo sobre o facto de eu já os ter visto por dentro. São como aldeões armados com varas de carga a tentar lutar com um general. Aqui estou eu totalmente equipado; na minha mão está a espada de cem libras de um guerreiro lendário, enquanto eles têm apenas uma vara de carga. Desferem um golpe e, vendo que o homem não se move, desferem vários mais e partem. Não é que eu os tema; é porque não estão à minha altura. Ha, ha!

Exorto-vos a não ter uma mente grosseira. Na vossa conduta, dia e noite, continuai a evoluir mais alto; então, mesmo que não alcanceis a iluminação, ainda assim sereis indivíduos altamente refinados. Certifiquem-se de estar atentos.

Aprovação

Assim que aceitas e aprovas algo, reconhecendo-o como teu, ficas imediatamente amarrado de pés e mãos e não podes mover-te. Portanto, mesmo que haja mil possibilidades, nada é correcto uma vez que o tenhas reconhecido, aceite e aprovado como teu.

É como fazer um barco e equipá-lo para uma longa viagem até uma terra de tesouros, e logo ao começares fincas uma estaca no chão e atas o barco, remando então com todas as tuas forças. Podes remar até ao fim dos tempos, mas continuarás na margem. Vês o barco a mover-

se de lado a lado e pensas que estás em movimento; mas na verdade não foste a parte alguma. É também como alguém a girar uma mó, andando em círculos de manhã até à noite. Que risível! Se alguém com olhos turvos te visse obcecado com o reconhecimento e dissesse que estava certo, seria imediatamente visto através por alguém com olhos claros; e à análise, haveria bastantes falhas soltas.

Hoje em dia muitos empregam este caminho do "aqui e agora", totalmente incapazes de sair do presente imediato. Pregados desta maneira, tentam estudar Zen sem chegar ao ponto essencial. Assim que o agarram, já compreenderam mal; agindo como se estivessem no comando, não percebem que o budismo não é entendido desta forma.

Não leste como Magu encontrou Zhangjing, com o bastão na mão? Magu abanou o bastão uma vez e ficou ali sereno. Zhangjing disse: "Sim!" Encontrou também Nanquan da mesma forma, e Nanquan disse: "Não!" Magu disse: "Zhangjing disse sim; como podes tu dizer não?" Nanquan respondeu: "Zhangjing tem razão, mas tu estás errado. Isto é vulnerável a influências externas e, em última análise, desintegra-se." Só então Magu viu o seu erro.

Vede, pessoas: se estais prestes a compreender mal toda a vossa vida, como podeis não recorrer a alguém para encontrar certeza?

Quando iniciei a minha jornada, li versos do meu mestre e acreditei de imediato que este homem falava como os antigos sábios e devia ter realização genuína. Por isso estudei com ele durante dez anos. Um desses versos dizia:

Para aprender o caminho, primeiro deves descobrir
o ponto supremo;
ouvir o som e ver a forma
são inconcebíveis.
Se discutes alto e baixo
com base em palavras,
é como antes de estares iluminado.

Outro verso dizia:

Há um caminho para o vazio;
todos nele chegam.
Os que chegam então reconhecem
a excelência da meta.
O solo da mente não cultiva
ervas e árvores inúteis;
naturalmente o corpo irradia
luz límpida de si mesmo.

Quando era jovem, embora não tivesse alcançado o caminho, no meu coração sabia que estas eram linhas extraordinárias. Mas como é isso de ouvir som e ver forma? São ambos concebíveis; como podem ser inconcebíveis? Depois, quando fala da realização, dá a volta e diz: "É como antes de estares iluminado." Tudo antes da iluminação é concebível; como podes ver realização? Este homem alcançou o não-alcançar; só quando chegas à etapa suprema podes ser assim. Só após dez anos é que o compreendi realmente.

De um modo geral, quando partes em jornada para aprender o caminho da iluminação, procuras. Não te sentes ignorante, mas vai a alguém para descobrires a verdade com certeza.

Quando esta verdade é difícil de realizar, isso chama-se assunto inacabado. Não ouviste dizer que uma vez realizado, então há uma diferença? Ontem tomava-se pequeno-almoço e jantar, hoje toma-se pequeno-almoço e jantar — é a mesma pessoa de antes? Há uma diferença; não é o mesmo. Zhaozhou disse a alguém: "Já tomaste pequeno-almoço?" Ele respondeu: "Sim." Zhaozhou disse: "Vai lavar a loiça." Isto é diferente. Achas que sou um homem comum? Diz-me tu onde está a diferença.

Autoconhecimento

Digo às pessoas que conheçam o eu, mas os buscadores que ouvem isto equiparam-no ao que os principiantes veem, e pensam que não há nada de difícil em compreendê-lo. Deverias avançar mais devagar durante algum tempo e ser mais cuidadoso. O que chamas de eu? E quanto aos ditos dos antigos dignos sobre o eu?
"Vaguear pelas montanhas, desfrutar dos rios" — dizes: "Compreendo — quem mais seria?" Outro dito diz: "É o teu eu" — dizes: "Compreendo também isto; é o meu eu." Mas e quanto à resposta: "Montanhas, rios, a terra inteira"? Também se diz: "Quando comes, a refeição é o teu eu" — como compreendes isso? Ainda não consegues lá chegar. Um antigo digno disse: "A terra inteira é o teu eu" — então como podes limpar a mente?

Sempre que vejo que as pessoas compreenderam mal, cito histórias antigas para as questionar. Por exemplo, Jingqing perguntou a Xuansha: "Acabo de entrar na escola; por favor, indica-me um caminho de entrada." Xuansha disse: "Ouvem o som do ribeiro do vale?" Jingqing respondeu: "Sim." Xuansha disse: "Entra por aqui." Jingqing captou a mensagem com isto. Pergunto-te: quando ele ouviu, o que ouviu? Todos dizem que ouviu o som da água, mas que utilidade tem tal interpretação? Segundo a sua visão, a audição abarca claramente tudo de uma vez, de modo que não há som a ser encontrado fora desta audição; sendo tudo manifestação da própria subjectividade, é representação da consciência activa. Alguns respondem que não era o som da água que ele ouviu, mas o seu eu. A isto digo: como pode o eu ouvir o eu? É isto que se chama reconhecer a mente, reconhecer a natureza.

O budismo é um ensinamento de fácil compreensão e económico em energia; as pessoas esforçam-se demasiado. Vendo-as desamparadas, os antigos disseram às pessoas para experimentarem meditar em silêncio por um instante. São boas palavras, mas os posteriores não entenderam o significado dos antigos; foram sentar-se imóveis com sobrancelhas cerradas e olhos fechados, suprimindo corpo e mente, à espera da iluminação. Que estupidez! Que insensatez!

Dar um Passo Atrás e Ver

Um antigo mestre disse: "É o vento a soar, ou são os sinos a soar?" Deveria ter parado ali mesmo, mas prosseguiu a incomodar outros dizendo: "Não é o vento nem os sinos a soar, mas apenas a tua mente a soar." Que outra oportunidade de estudo procuras?

Quando o Zen chegou à China, um mestre disse: "Não é o vento nem a bandeira que se movem; são as vossas mentes que se movem." O antigo mestre deu este testemunho; porque não compreendes? Apenas por causa do sujeito e do objecto. É por isso que se diz: "O objectivo é definido com base no subjectivo; já que o objectivo é definido arbitrariamente, produz a tua subjectividade arbitrária, produzindo diferença onde não havia nem semelhança nem diferença."

As pessoas hoje falam de discernimento certo, mas como discernir com certeza? Não se trata de declarar: “Isto é um dito iniciático, isto é um dito para principiantes, aquilo é um dito para veteranos.” Não é nada assim. Na realidade, largar tudo de uma vez é precisamente como discernir com certeza — não haverá foco diferente em momento algum.

Levantas-te de manhã, vestes-te, lavas o rosto e assim por diante; chamas a isto pensamentos diversos, mas tudo o que é necessário é que não haja percebedor nem percebido quando percebes, não haja ouvinte nem ouvido quando ouves, não haja pensador nem pensado quando pensas. O budismo é muito simples e muito económico; poupa esforço, mas tu próprio desperdiças energia e crias as tuas dificuldades.

Se não vês a simplicidade, então senta-te um pouco e examina o princípio. Já que vieste aqui estudar Zen, não venhas com imaginação e raciocínios como encontras noutros lugares; apenas dá um passo atrás e olha, e certamente compreenderás.

No entanto, há os que aceitam o afinamento e os que não aceitam; há os tolos e os sábios, há os que podem ser salvos e os que não podem ser salvos.

Os que não aceitam o afinamento insistem em usar a consciência flutuante carregada de hábitos e a energia dos alimentos. Quando questionados, arregalam os olhos, andam de um lado para o outro, erguem os seus adereços, aceitando e aprovando percepções e emoções na obscuridade dos seus crânios e corpos. Isto é irremediável. Basta largar, dar um passo atrás e olhar; só então compreenderás.

Há estudantes seniores de certo tipo que dizem: “Não raciocino, não calculo; não me apego ao som e à forma, não me apoio nem no impuro nem no puro. O sábio e o mortal comum, ilusão e iluminação, são todos completamente vazios; não há tais coisas na Grande Luz.” Estão obscurecidos pela luz do conhecimento, presos a um extremo de conhecimento. Isto também é irremediável.

Destas duas doenças, a primeira é mais leve que a segunda. Se os que sofrem destas doenças estiverem dispostos a deixá-las de lado, a dar um passo atrás e olhar, também eles compreenderão naturalmente. Esta tarefa poupa energia ao máximo. O caminho dos antigos é muito económico e da maior essência.

Porque desperdiçais energia? Às vezes vejo buscadores chegarem aqui gastando muito esforço e sofrendo bastante. O que querem? Procuram alguns ditos para meter num saco de pele; que relevância tem isso?

Ainda assim, há um expediente genuíno que é muito bom, embora apenas buscadores experientes sejam capazes de focar dúvida nele. É como quando Xuansha se preparava para dar uma palestra sobre o ensinamento num certo dia, mas não disse uma única palavra, por mais tempo que a assembleia tivesse ficado. Por fim começaram a sair em pares e trios. Xuansha comentou: “Vejam! Hoje ajudei-os realmente, mas nenhum percebeu. Se eu começar a mexer os lábios, porém, imediatamente se juntam à minha volta!”

Vens aqui à procura de técnicas expedientes, de doutrinas, de paz e felicidade. Eu não tenho técnicas expedientes para dar às pessoas, não tenho doutrina, não tenho método de paz e felicidade. Porquê? Se houver alguma “técnica expedient” ela terá o efeito contrário de te enterrar e aprisionar.

Zhaozhou disse: “Senta-te apenas a olhar para o princípio; se não compreenderes em vinte ou trinta anos, corta-me a cabeça.” Isto também era para te levar a tornar-te de mente única.

Não lestes como o Segundo Patriarca do Zen costumava expor o ensinamento em qualquer lugar onde estivesse, e todos os que o ouviam alcançavam a verdadeira atenção plena? Ele não estabelecia formulações escritas, nem falava de prática e realização ou de causa e efeito.

Naquela altura, certo mestre de meditação ouviu falar do patriarca Zen e enviou um discípulo sénior para espiar as suas palestras. Quando o discípulo não voltou, o mestre de meditação enfureceu-se. Quando se encontraram numa grande assembleia, o mestre disse pessoalmente ao seu antigo discípulo: “Empenhei tanto esforço em cultivar-te; como pudeste virar-me as costas desta maneira?” O antigo discípulo respondeu: “A minha visão era originalmente correcta, mas foi distorcida por mestres.” É assim o Estudo Zen.

Mais tarde, alguém perguntou a Xuefeng: “Como é quando a visão de alguém é originalmente correcta mas distorcida por mestres?” Xuefeng disse: “Encontro confuso com o fundador do Zen.” O buscador perguntou: “Onde está a visão de cada um?” Xuefeng disse: “Não se obtém de um mestre.” É assim que tens de ser antes de alcançares a realização.

Antigamente dizia-se: “A iluminação está sempre com as pessoas, mas as pessoas perseguem subjectivamente as coisas.” Nas escrituras está dito: “Se consegues inverter as coisas, elas são o mesmo que a realização da talidade.” Mas como podem as coisas ser invertidas? Também está dito: “Todas as aparências são irreais; se vires que as aparências não têm características inerentes, então vês a realização da talidade.”

Basta dares um passo atrás, parares as maquinações mentais e olhares de perto. Quando de repente vires, nada te poderá travar.

Até ao Fim

“Sem ilusão, sem iluminação” — apenas quando chegares a tal estado estarás confortável e a poupar energia ao máximo. Mas isto é simplesmente ser alguém sem ilusão nem iluminação; o que é que te ilude vinte e quatro horas por dia? Tens de aplicar isto a ti mesmo e determinar por ti.

Todos os reinos da existência estão aí por causa da mente iludida; agora mesmo, como poderiam não estar? Uma vez que compreendas que não estão aí, não podem iludir os teus sentimentos e certamente nada te podem fazer. É necessário alcançar a realidade onde não há ilusão nem iluminação antes que possas ser livre e desembaraçado.

As pessoas em viagem chamam a isto a realidade debaixo da veste; se esta realidade não for plenamente realizada, é um desastre.

O patriarca Ashvaghosha explicou três aspectos subtis e seis grosseiros da mente; se mexe, há sofrimento. Como não mexer? Proferir alguns ditos não equivale a falar de mistérios e maravilhas, nem a explicar significados e princípios; sentar-se em meditação e concentração não equivale à liberdade interior.

Reflete sobre isto de forma independente. As outras pessoas não sabem o que fazes o tempo todo; tu refletes por ti mesmo — estás em harmonia com a verdade ou não? Aqui não podes enganar-te; investiga até ao fim.

Quando o meu falecido mestre apareceu no mundo para ensinar, disse: “Levanto-me deste trono de flor de joia e sento-me nele todos os dias convosco; apenas evitais o que está mesmo diante de vós.” É uma boa frase. Também comentou: “Em mais de dez anos num mesmo lugar, não consegui encontrar um adversário digno; só quando fui a outro sítio é que realmente vi alguém que estivesse à altura da minha indignação.” Boas palavras; poucas pessoas podem falar assim.

Passei mais de trinta anos em jornada; vocês nem tinham nascido quando encontrei o caminho. Se os mais novos acreditarem no que digo, darão um passo atrás todos os dias, olharão para dentro de si mesmos e verão até ao fim.

Compreender Tudo

A escola Zen é chamada a escola da grande absorção em quietude de Kasyapa. Sem mover um fio, tudo é compreendido; sem mover um cabelo, tudo é realizado.

Não se trata apenas de não mexer e deixar ficar por aí. Não despertes a mente nem agites pensamentos ao longo das vinte e quatro horas do dia, e deverás ser capaz de compreender tudo. Isto chama-se ser membro da escola de Kasyapa. Só então podes entrar na grande absorção em quietude.

Agora, o que é que funciona como objecto mental e como obstrução? Embora as pessoas possam investigar, possam estudar, não podem compreender despertando a mente e agitando pensamentos. Quando encontras uma situação ou ouves um dito, se os teus pensamentos se agitam, a tua mente excita-se, e inventas uma interpretação, de qualquer modo estás num estado disperso.

Quando o Ancião Ming alcançou o “não pensar bem nem mal”, só então conseguiu ver; então disse: “Embora estivesse na escola do Quinto Patriarca do Zen, não sabia realmente o que o Buda queria dizer ao afirmar: ‘Nem esta margem, nem a outra margem, nem a corrente entre elas.’” Nanquan disse: “Não é Buda, não é uma coisa.” É precisamente nisso que estás a focar-te agora. Basta estudares desta forma.

Assim como um erudito tem a atitude de um oficial depois de passar os exames imperiais, também tu deves chegar à realização de que és Buda; só então estarás livre de dúvida. Cada um de vós deve assumir esta responsabilidade por si mesmo; não passem o tempo a perseguir o burburinho.

Procurar Sem Procurar

Há algo em cada um de vós que só podereis perceber quando vos virardes. Então, como se vira alguém? Procurando sem procurar, buscando sem busca. É precisamente isto que as pessoas acham difícil de lidar ou de compreender.

Como podes procurar se não procuras? Como podes não procurar se procuras? Se apenas procuras, em que difere isso de perseguir sons e correr atrás de formas? Se não procuras de todo, em que diferes da matéria inerte?

Deves procurar, e ainda assim sem procurar; não procurar, e ainda assim procurar. Se conseguires penetrar nisto, conseguirás então harmonizar procurar e não procurar. Por isso se diz: “Não procurar não procurar — o corpo da realidade é perfeitamente quieto. Procurar

procurar — a função responsiva não falha. Procurar sem procurar, não procurar procurando — objectos e cognição fundem-se, substância e função são um só.” Assim se vê que os três corpos, os quatro conhecimentos, os cinco olhos e os seis poderes espirituais surgem disto.

Os estudantes devem ser capazes de se virar e investigar até ao fim desta forma antes que possam alcançar a realização.

Um buscador perguntou a Yangshan: “Que caminho especial tens? Por favor, indica-mo.”
Yangshan disse: “Se eu dissesse que há algo em particular ou nada em particular, só te confundiria ainda mais. De onde vens?”
O buscador disse que era de tal lugar. Yangshan perguntou: “Ainda pensas nesse lugar?”
O buscador respondeu: “Penso nele o tempo todo.”
Yangshan disse: “Aquilo em que pensas são os edifícios, torres e habitações, que são variados. Agora pensa no que pensa — há variedade aí?”
O buscador respondeu: “Não há variedade aí.”
Yangshan disse: “Com base na tua percepção, só alcançaste um mistério. Tens um assento e vestes roupa; daqui em diante vê por ti mesmo.”

Este buscador disse que o objecto do pensamento é variado, enquanto o pensador não é variado. Esta visão é tendenciosa; foi isto que levou Yangshan a dizer que ele só tinha alcançado um mistério — a sua percepção do caminho não era precisa.

Se me perguntas, o objecto do pensamento, com a variedade de edifícios e casas, na verdade não é variado, enquanto o sujeito pensante não variado é, de facto, variado. Isto pode ser demonstrado. Agora mesmo há variedade diante dos teus olhos; não são assim tantas. Há, de modo semelhante, muitos tipos do não variado.

Quando o vidente Bhishmottaranirghosha tomou o buscador Sudhana pela mão, Sudhana viu Budas tão numerosos quanto átomos em mundos infinitos. Quando o vidente lhe largou a mão, tudo estava como antes. Agora, como compreendes este retorno ao normal ao soltar da mão? É melhor que compreendas!

Realidade Original
Um antigo sábio disse: “Cada fenómeno é a realidade original.” Muito bem. Yunmen ergueu o seu bastão e disse: “Isto não é a realidade original.” Após uma pausa, disse: “Se assim é, então os três venenos, quatro perversões, cinco agregados, seis sentidos, doze meios, dezoito elementos e vinte e cinco reinos de ser não são a realidade original.” Porque não compreender desta forma — pouparias bastante esforço.

O budismo é uma questão altamente económica, que conserva o máximo de energia — sempre esteve presente, mas não o compreendes. Digo-te ainda mais: não há nada que seja verdadeiro e nada que não seja verdadeiro. Como pode haver verdade e falsidade numa só coisa? Apenas por causa da busca incessante, por todo o lado é busca; ponderar princípios é busca, contemplar os casos-modelo dos antigos é também busca, ler livros Zen é também busca; mesmo que te sentes em silêncio, continuamente de momento a momento, isto também é busca.

Queres compreender? Então essa tua busca é, na verdade, não busca. Isto é extremamente difícil de acreditar e penetrar, difícil de trabalhar. Aqueles de vós que não estão confortáveis

estão assim, de modo geral, porque estão ou apáticos ou excitados. É por isso que dizeis que não compreendeis. Agora mesmo, como podes evitar estar apático ou excitado?

Quando esse teu pensamento surge, é o turbilhão corrente do nascimento e morte: consideras isto consciência activada por hábito, ou consideras isto imutável? Contempla desta forma repetidamente, e terás um pouco de princípio orientador.

Mesma Realidade, Sonhos Diferentes

As pessoas podem dormir na mesma cama, sob as mesmas cobertas, mas os seus sonhos individuais não são iguais. Um antigo sábio disse: "Partilhamos a mesma realidade única, mas não a realizamos."

Por exemplo, dentro da realidade única de vida e morte, há aqueles que podem entrar em vida e morte sem ficarem presos por vida e morte, e há aqueles que ficam presos por vida e morte em plena vida e morte. No seio da mesma realidade comum, uma pessoa está presa enquanto outra está livre; não são estas as diferenças individuais nos sonhos?

Normalmente fazes do nascimento e morte um extremo, e da ausência de nascimento e morte outro extremo; fazes do pensar um extremo e do não pensar outro extremo; fazes da fala um extremo e da não fala outro extremo. Aqui não tenho nem o ofício dos monges Zen, nem nada de transcendental; apenas falo de sair do nascimento e da morte. Não se trata apenas de dizer isto e deixar o assunto por aí; deves ver aquilo que não tem nascimento nem morte bem no meio do nascimento e da morte.

O grande mestre Yongjia visitou o Sexto Patriarca do Zen e disse: "A questão do nascimento e da morte é séria; a transitoriedade é veloz." O Sexto Patriarca disse: "Porque não compreender o não-nascido e realizar o que não tem velocidade?" Yongjia disse: "A própria compreensão é não-nascida; a realização do fundamental não tem velocidade."

Quando Caoshan se despediu de Dongshan, Dongshan perguntou: "Para onde vais?" Caoshan respondeu: "Para um lugar imutável." Dongshan replicou: "Se é um lugar imutável, como pode haver ida?" Caoshan respondeu: "A ida também é imutável."

Não eram estas pessoas realizadas? Fazes do pensamento um extremo e do não-pensamento outro extremo; fazes do não-dito algo fora do dito — mesmo que compreendas claramente o não-dito, assim que palavras são proferidas elas bloqueiam-te.

Porque não estudar o Zen desta forma — andar, estar de pé, sentar e deitar ao longo de todo o dia sem nunca andar, estar de pé, sentar ou deitar? Às vezes os buscadores vêm aqui, proferem uma frase e batem palmas; como é que isto equivale a uma compreensão para lá dos extremos dualistas?

Deves pensar assim: "Claramente estou em plena situação de nascimento e morte; como posso libertar-me do nascimento e da morte?" Não digas que isto em si mesmo é Isso, que basicamente não tens nascimento nem morte. Não é realizado ao proferires essa afirmação.

Há aqueles que, ao ouvirem alguém dizer que não há nascimento e morte, logo dizem: "Certo! Originalmente não há nascimento nem morte!" Se fazes a tua interpretação desta forma, será impossível compreenderes.

Uma vez que não admite racionalização e entendimento forçado, nem admite ser explicado, como podes trabalhar sobre isto? Um antigo disse: "Eu apenas uso o que me trazes para te indicar uma porta de entrada." Tem cuidado.

Observa-te a Ti Mesmo

Quando vejo membros das comunidades Zen actuais, é como se nenhum deles falasse sobre esta realidade. Agora, para onde quer que vás, há comunidades Zen e mestres a pregar Zen e Tao, a realizar entrevistas e palestras, todos a falar deste assunto — porque digo então que não falam de todo sobre ele? Estão a falar, certamente, mas não podem realmente falar dele. Não só não podem falar dele, como não o conseguem ver.

Sem saberem como trabalhar sobre o que é tal como é, simplesmente dizem: "Quando o verdadeiro imperativo é levantado na sua totalidade, as dez direcções são cortadas: qualquer Buda que apareça levará pancada, e qualquer demónio que apareça levará pancada." Falam fanaticamente de Zen, mas nunca tocam no mais urgente.

O que aqui falo é algo que outros negligenciam. Apanho-o casualmente de um monte de lixo e pergunto às pessoas sobre isso, mas elas nada conseguem dizer. Neste momento, quando pessoas que já entraram na sala, investigaram o caminho e alcançaram compreensão vêem o suporte de incenso, é um suporte de incenso ou não? Se disserem que é um suporte de incenso, é o mesmo que as pessoas comuns. Se não é um suporte de incenso, a quem foi dado então? Questiona-os ligeiramente e desfazem-se. Isto porque sempre trabalharam em ociosidade.

Agora deixo-te uma pergunta. Não interessa desde que cá estás; antes de ires em jornada, antes de entrares nesta comunidade, quando vias um suporte de incenso, como lhe chamavas? Chamavas-lhe suporte de incenso. Todos lhe chamam suporte de incenso; porque não pensas porque lhe chamas suporte de incenso?

O Zen deve ser estudado assim; deves compreender o que sempre esteve em ti desde o tempo sem princípio. O mestre Siushan disse: "Se não vires a realidade original, os obstáculos seguir-te-ão sempre; se as pessoas têm obstáculos, erram incontáveis milhares de vezes."

O meu mestre disse: "Suponhamos que um pouco de imundície está preso na ponta do nariz de um homem adormecido, totalmente desconhecido para ele. Quando acorda, nota um mau cheiro; cheirando a camisa, pensa que a camisa fede, e por isso tira-a. Mas então qualquer coisa que apanhe fede; não percebe que o cheiro está no nariz. Se alguém que sabe lhe diz que nada tem a ver com as coisas em si, ele teima em não acreditar. O conhecedor diz-lhe para simplesmente limpar o nariz com a mão, mas ele não o faz. Se estivesse disposto a limpar o nariz, só então poderia saber que já estava a ir algures; finalmente lavaria com água, e não haveria mau cheiro algum. Tudo o que cheirasse, esse mau cheiro nunca esteve lá desde o início. Estudar Zen é assim; os que não querem parar e observar-se por si mesmos perseguem antes interpretação intelectual, mas essa busca de interpretação intelectual, de razões e de comparações, está toda completamente errada. Se voltasses a tua atenção para dentro e te observasses, compreenderias tudo. Como se diz: 'Quando uma faculdade retorna à fonte, as seis funções ficam todas suspensas.'" Basta veres desta forma, e terás algum entendimento iluminado.

Compreender de Imediato

Ha, ha, ha! Ainda não compreendes por ti próprio. Digo-te isto — se ainda não compreendes por ti próprio, como compreenderás se fores a outro lugar?

Noutros locais, ou te fazem passar por transformações, ou te fixam abruptamente. Aqui, nem te faço passar por transformações, nem te fixo abruptamente. Isto poupa energia e é fácil de compreender; então porque não compreendes? Por causa das tuas milhões de racionalizações; são elas que tornam difícil compreenderes.

O estado de Buda é um estado facilmente compreendido, confortável e agradável. Mas, embora seja facilmente entendido, é difícil entrar nele e difícil trabalhar nele. Noutros lugares, se te fixam abruptamente, tens algo em que trabalhar; se te fazem passar por transformações, tens algo para mastigar.

As pessoas vêm aqui e declaram que não se atrevem a dizer que estão certas. Então porque não te atreves a dizer que estás certo? Então como deverias ser? Porque não olhas para isso desta forma?

Só temo que compreendas mal e apanhes a ideia errada. Apenas quero que compreendas de imediato, sem agitar um único pensamento.

Depois, há também os que dizem: “Segundo a minha visão, está tudo bem.” São como rebentos queimados, como sementes podres, que nunca crescerão. Quando declaras que estás certo, como podes ser ajudado depois? É por isso que se diz que as pessoas comuns ainda podem evoluir.

Há também os que, tendo compreendido, ainda não conseguem expressá-lo em palavras. Mesmo que falem disso, não fazem sentido algum. Não sejas descuidado e grosseiro; examina cuidadosamente.

Sou um companheiro de busca contigo; se eu compreendo, tu tens de compreender também. Se não compreendes, eu também não compreendo.

Não leste como Xuansha apontou para uma mancha branca no chão à sua frente e perguntou a um estudante: “Vês?” O estudante disse: “Sim.” Xuansha disse: “Eu vejo, e tu também vês. Porque não compreendes?”

Um dos meus colegas, um Ancião Li, viu o meu falecido mestre durante um ano e meio; todas as vezes que entrava numa entrevista pessoal, o mestre apenas lhe dizia: “Ancião, já distinguiste preto e branco?” Todas as vezes que entrava, era isto o que acontecia. Como interpretas palavras assim? Como trabalhas?

Hoje em dia já não há adeptos assim a ajudar as pessoas. Também não há anciãos que busquem desta maneira. Qualquer outro teria ficado aborrecido. Um dia ouviu o mestre dizer numa palestra: “Entrar e sair pela mesma porta — inimigos hereditários”, e de repente a sua compreensão anterior revelou-se como flores no céu, e agora via a verdade.

Deves trabalhar desta forma e realizar a iluminação desta forma. O Zen deve ser estudado desta forma. Como nenhum de vós teve ainda um despertar, deveis olhar directamente para o vosso espírito vital. Se ninguém vos dissesse e ninguém vos instruísse, seria difícil trabalhar. Agora que encontrastes alguém, deveis trabalhar. Deveis distinguir preto e branco antes de o conseguirdes.

Iluminação Instantânea

Aqueles que agora estão em jornada devem acreditar que existe tal coisa como iluminação

instantânea. Noutros lugares também deveriam dizer que existe tal coisa como iluminação instantânea; se não houver iluminação instantânea, como podem ser chamadas comunidades Zen?

É apenas porque o que herdaram e transmitem é apenas a prática de contemplar os casos-modelo dos antigos. Podem contemplar um ou dois exemplos e obter um pouco de conhecimento superficial, um pouco de interpretação. Se há algum ponto que não conseguem compreender, procuram uma brecha onde se meter, procurando entendimento. Uma vez que compreenderam, dizem que a questão é apenas isto, e depois imediatamente passam a divulgá-la nas comunidades Zen. Nenhum deles jamais falou do que é iluminação instantânea. Se não existe tal coisa como iluminação instantânea, como podes libertar a tua mente dos vinte e cinco estados de ser nos três reinos? Como podes libertar a tua mente da sensação de incerteza?

Agora já houve sacerdotes profissionais a vir aqui dizer: "A percepção está desobstruída", aceitando totalmente a percepção e afirmando que isso é correcto. Isso significa que não vêem o que não está obstruído. Quando lhes pergunto sobre outros mundos, não sabem; e quando os questiono sobre os sentidos e os objectos, descobre-se que não romperam. Como podem imaginar que os sentimentos e percepções das pessoas comuns são exactamente os mesmos que a iluminação instantânea?

Hoje digo a todos: apenas confiai que existe tal coisa como iluminação instantânea. É como um camponês encontrar uma pílula alquímica ao lavrar os campos; depois de a tomar, toda a família ascende ao céu. É também como um plebeu ser nomeado primeiro-ministro.

Nos Ensinamentos diz-se que esses sentimentos e percepções comuns vossos são como barro não cozido, que é inútil antes de ser levado ao forno. Tens de o cozer em fogo forte antes de ser útil; isso é como uma iluminação instantânea.

Quando saí de Szechwan, apenas procurei uma pessoa. Sei que as suas palavras eram as mesmas dos antigos. Uma vez perguntei ao meu mestre: "Ouvi dizer que há iluminação no Zen; é verdade?" O meu mestre disse: "Se não houvesse iluminação, como poderia ser alcançada? Basta investigares de modo descontraído." Assim estudei num estado de espírito relaxado. Havia um certo Ancião Fu, cuja visão era tão luminosa que eu costumava ir ter com ele com perguntas. Mas ele apenas me dizia: "Tens de ganhar a vida por ti mesmo; não venhas questionar-me."

Um dia contou-me uma história: Zhaozhou mostrou fogo a um estudante e disse: "Não lhe chames fogo. O que é?" Eu maravilhei-me profundamente com isto: obviamente é fogo — porque não lhe chamar fogo? Contemplei isto durante três anos, sempre a reflectir: "Como ouso eu usar os sentimentos e percepções de um homem comum para perguntar sobre a realização dos sábios?"

Também ouvi o que está escrito no Sutra da Flor de Lótus: "Esta verdade não pode ser compreendida pelas discriminações do pensamento discursivo", e sempre guardei isto na mente. Hoje, quando dizes que estás certo tal como estás, é porque produziste uma compreensão interpretativa, e por isso não compreendes.

Uma vez o meu mestre foi à residência do juiz Li, que o convidou para a biblioteca. Depois de acender algum incenso, o juiz pegou num exemplar da *Transmissão da Lâmpada* e disse ao mestre: "Embora eu seja um homem do mundo, sempre tive interesse neste caminho. Sempre

que leio este livro encontro muitos pontos que não compreendo." O meu mestre disse: "Esta questão não é compreendida dessa forma. Primeiro precisas de ter realização da iluminação. Se tiveres iluminação, naturalmente não precisarás de perguntar a outros acerca do que não compreendes. Se não tiveres iluminação, mesmo o entendimento que possas ter ainda não é correcto." O juiz comentou: "Meu mestre, falaste correctamente."

Quanto a mim, desde que fui superintendente de hóspedes, alcancei a compreensão à beira do fogo; depois disso, não houve nada que eu não compreendesse. Tens de ver por ti mesmo a realidade da iluminação instantânea antes de a alcançares. Ninguém nas comunidades Zen actuais fala dela.

Mestria Zen

Não há nada na minha experiência que não seja verdadeiro. Se houvesse sequer algo de falso, como poderia eu presumir guiar os outros, como poderia ousar ensiná-los? Quando afirmo a minha verdade, não há mente que afirme nem objectos afirmados; é por isso que ouso falar às pessoas.

Quanto a vós, evidentemente há algo que não é verdadeiro; é por isso que vêm a alguém em busca de certeza — se já tivessem encontrado a verdade, quando iriam questionar outro?

Aqui apenas aponto onde estais certos. Se não estiverdes certos, nunca vos direi que estais. Quando sois verdadeiros e correctos, então concordarei convosco. Apoiai-vos apenas no que é correcto e verdadeiro.

Vejo através de todos. Se vi pessoas, sei se têm ou não iluminação ou compreensão, tal como um médico perito reconhece as doenças de relance, discernindo a sua natureza e se podem ou não ser tratadas. Aquele que só percebe tudo isto depois de uma investigação detalhada dos sintomas é um médico medíocre.

Isto é como uma história que já citei noutra ocasião. Fayan apontou para um biombo suspenso, e dois estudantes foram enrolá-lo. Fayan disse: "Um ganho, uma perda." Pessoas como vós, no vosso estado, não devem dizer: "Que ganho ou perda há aí?" Alguns dizem: "Um foi enrolar o biombo com compreensão — isso é ganho. Outro foi enrolar o biombo sem compreensão — isso é perda." Se fosse assim, como poderia haver remédio?

Agora, se não conseguiste compreender claramente, é porque a tua iluminação não é verdadeira; como alguém ignorante de medicina que se faz passar por médico, não consegues discernir quando as pessoas compreendem e quando não compreendem — não consegues discernir de todo se têm ou não visão. Então como podes ajudar os outros? Como podes ensiná-los? Deves examinar a realidade de fio a pavio antes de o conseguires.

Se estiveres disposto a examinar a realidade até ao fim, não deixarás de compreender. Não leste como um antigo disse: "Senta-te apenas a investigar a verdade durante vinte ou trinta anos; se não alcançares compreensão, corta-me a cabeça e faz dela um penico"? Os buscadores às vezes dizem que isto é correcto, mas quando se trata de investigar a realidade até ao fim, mudam inconstantes. É como ver um cavalo a passar montado por uma janela; num instante já desapareceu.

É preciso ser como trinta toneladas de ferro, que não podem ser puxadas nem para a frente nem para trás — só então sabes que é a coisa real. Pessoas como vós agitam-se ao menor abanão; mais um empurrão, e caem.

Deveis ser tão límpidos que vedes as vossas trezentas e sessenta articulações e oitenta e quatro mil poros abrirem-se de uma só vez; dentro do corpo e fora, no mundo físico, cada fenómeno é a realidade original — nada não o é. Só então o compreendereis.

Mas os sacerdotes profissionais de hoje só sabem falar depois de divagar; se eu avanço de imediato, não têm onde se agarrar e pensam que perderam o tempo. Vós é que não deveis desperdiçar este tempo! Já que estais envolvidos, estabilizai e despertai o vosso espírito vital no esforço de descobrir a verdade.

Igualdade

Se falarmos de igualdade, nada ultrapassa o budismo. Só o budismo é plenamente igualitário. Se alguém diz: "Eu compreendo, tu não", isto não é budismo. Se alguém diz: "Tu compreendes, eu não", isto também não é budismo. Nos Ensinamentos diz-se: "Esta verdade é universalmente igual, sem alto nem baixo — isto chama-se iluminação insuperável." A minha percepção é igual à tua, e a tua percepção é igual à minha.

E, no entanto, um antigo também disse: "Eu sei tudo o que os outros sabem, mas os outros não sabem o que eu sei." Porque não sabem? Porque abrigam "alto e baixo" nas suas mentes e não confiam na visão iluminada; assim vêem este mundo cheio de toda a espécie de lixo.

O que o Sábio ensinou é um ensinamento igualitário; ele disse: "Faço todos os seres entrarem no nirvana sem resto e assim os liberto. Liberto incontáveis seres sencientes desta forma, e contudo realmente não há seres que alcancem a libertação." Não é este um ensinamento igualitário?

Um antigo disse: "O nirvana é chamado libertação universal; acolhe tudo de forma uniforme, sem resto; seja qual for o tipo de ser, vazio ou existente, a afundar ou a flutuar. O ser supremo pode descer a viver na terra; o caminho da iluminação é inerentemente omnipresente. Se de repente a mais pequena coisa estiver presente, alguém permanece para sempre nesta margem." Se houver o mais pequeno resíduo, isso é "esta margem", o mundano.

Também está dito: "Num instante alguém flui para a ideação, que constitui a raiz do nascimento e da morte." Como podes ter realizações aleatórias e produzir arbitrariamente interpretações intelectuais?

Nos tempos antigos, houve um adepto que disse às pessoas: "Cada um de vós tem a sua inspiração; quando pela primeira vez decidiram partir em jornada, devem ter tomado essa decisão por causa de vida e morte. Alguns podem ter despertado a determinação para evitar o sofrimento, ou por pressão das circunstâncias; em qualquer caso chama-se inspiração. Porquê? Para levar as pessoas a olhar para a sua inspiração inicial." Ou seja, se o vosso pensamento original de inspiração não mudou, voltar a ele é o mais poderoso.

Este é o Zen que deveis estudar; se o alcançardes realmente, é simplesmente clareza pura da mente. Quando procurais mestres pelo caminho e contemplais dia e noite, estais simplesmente a nutrir esta mente. Então, quando tiverdes despertado e a tiverdes realizado, vereis que não tinha sido perdida nem antes de serdes inspirados. O santo Ashvaghosha disse

acerca disto: “A iluminação inicial é em si mesma a iluminação fundamental; a iluminação fundamental é em si inconsciente. A não-dualidade da experiência inicial e da realidade fundamental chama-se iluminação suprema.”

Também está dito: “No momento da inspiração inicial, alguém alcança a verdadeira iluminação”, significando primeiro realizar o fruto, e as seis perfeições e miríades de actos dos Budas são uma questão de maturação. É por isso que vos digo apenas para investigarem a mente inicialmente inspirada. E a minha percepção é una com a vossa; porque não compreender assim?

Olhos Claros

As pessoas com olhos claros não se acomodam em modos fixos. A razão pela qual não alcançaste isto na vida diária é simplesmente porque os teus olhos não estão claros. Se os teus olhos estivessem claros, já o terias alcançado. É por isso que se diz que pessoas com olhos claros são difíceis de encontrar. Assim que dizes “Isto é assim”, isso já é fixação complacente; pessoas de olhos claros não são assim.

Não leste como Deshan disse, a uma assembleia: “Esta noite não responderei a perguntas. Quem fizer uma pergunta leva pancada.” Como poderia alguém sem olhos claros compreender isto? Falhar no mais pequeno detalhe de compreender isto, e cais no pensamento conceptual, que constrói sinais. É por isso que a experiência normal de vida de Deshan só foi compreendida por uma pessoa, Yantou. Portanto, digo que precisas de ter olhos claros antes de o alcançar.

Encontrar Certeza

Os mestres Zen originais são verdadeiros amigos genuínos. Ha, ha, ha! Só se pode dizer isto; se compreenderes, podes ter a experiência tu mesmo. Então terás algo em que agir. Se te envolveres em racionalizações, comparações e verbalizações, então não compreendes, e não podes experienciar por ti próprio.

Quando andas por aí a fazer as tuas tarefas, vês que os mestres Zen originais são verdadeiros amigos genuínos? Como não vês, quando te perguntam sobre isso ficas atrapalhado.

Onde está o problema? O problema está no facto de que vens sempre do meio de comparações conceptuais, e não alcanças experiência pessoal. Todos vós ides sentar-vos em bancos, fechais os olhos e demolís o pensamento desde a Via Láctea acima até ao Hades abaixo antes de poderdes proferir uma ou duas frases. Mas quando chegais a um lugar tranquilo, ainda assim não alcançais o ponto supremo. Diante dos vossos olhos não há senão coisas que obstruem as pessoas. Questionados levemente, não conseguis chegar ao alvo.

Neste momento, vamos basear a discussão em realidades; não devemos falar ao acaso. Por agora, deixem-me perguntar: quando não comeram absolutamente nada durante três dias, podem estar activos? Certamente que não podem. Só depois de comerem algo podem estar activos. Se assim é, é tudo energia da comida. Mas quando chegais aqui, se quereis encontrar pessoas adequadas, é primeiro necessário ver aquilo que não é energia da comida. O Zen deve ser estudado desta forma; só isto se chama encontrar certeza.

Uma vez que comeste, isso deve sustentar-te enquanto assumes esta questão e a investigas. Mas estais totalmente ignorantes desta questão; em vez disso tentais aplicá-la em ociosidade, discutindo certo e errado, fixando-vos em coisas inúteis, seja a pensá-las ou a tentar destruí-las. Que pena! É tudo má aplicação. Não percebeis que assim que apontais a mente já estais uma geração atrasados! Num instante, fluístes para a ideação, que constitui a raiz do nascimento e da morte.

Além disso, se não souberes ainda em vida, onde procurarás depois de o corpo material se dissolver?

Nos dias recentes há aqueles que simplesmente se sentam como estão. Ao início estão despertos, mas passado algum tempo adormecem. Nove em cada dez ficam ali a dormitar. Que miséria! Se não sabes como fazer o trabalho interior, como esperas compreender sentando-te rigidamente? Não é assim que é. Como podes ver?

Quando Danxia ergueu um espanador, o leigo Pang ergueu um martelo.

Quando Danxia atirou o espanador ao chão, o leigo Pang pousou o martelo. No dia seguinte, o leigo Pang disse: “Como interpretas o caso de ontem?” Danxia relaxou e reclinou-se. O leigo Pang foi-se embora. Não são estes verdadeiros conhecedores? Como poderia isto admitir das tuas explicações arbitrárias, ou permitir-te acrescentar notas explicativas?

Também Yantou disse: “Aqueles que cultivam a purificação devem deixá-la brotar dos seus próprios corações em cada situação individual, cobrindo todo o universo.” Como pode isto ser simples sentar-se em silêncio e “meditar”?

O meu mestre disse: “Quando dormes, estuda Zen ao dormir; às refeições, estuda Zen ao comer.” Um antigo também disse: “Quando te sentas, há a lógica de quando te sentas; quando estás de pé, há a lógica de quando estás de pé.”

Não leste como Touzi perguntou a Cuiwei: “Posso ouvir a mensagem secreta do Zen?” Cuiwei levantou-se e olhou em volta. Touzi disse: “Não compreendo a afirmação escondida; por favor, dá-me outra indicação.” Cuiwei disse: “Queres embebedar-te com uma segunda concha de água podre?” Touzi iluminou-se então.

Vós não alcançastes a experiência, e por isso perdeis muitas coisas boas no decurso de um dia. É por isso que digo que os mestres Zen originais são verdadeiros amigos genuínos. O caminho dos mestres Zen originais é como o sol brilhante no céu azul — porque há pessoas a perder o caminho?

Alcançar Compreensão

Quando não consegues compreender, onde está o teu erro? Não compreendes de todo; fundamentalmente sem compreender, procuras então compreender. Um antigo disse: “Não abandones este mundo para te agarrares ao além; se o fizeres, será ainda mais difícil compreender.”

Disse-te que fundamentalmente não compreendes; porque não olhar como quando Fayan viajava e Dizang lhe perguntou para onde ia; quando Fayan respondeu que viajava, Dizang perguntou: “E compreendes para que serve a viagem?” Fayan respondeu: “Não.” Dizang disse: “Se queres saber para que serve a viagem, aquele que não compreende é isso mesmo.” Fayan

alcançou iluminação com isto. Pergunto-te: já que ele não compreendia, como é que alcançou? Tens de encontrar uma forma de penetrar antes de o saberes.

Isto não é uma questão de compreensão forçada, nem de compreensões fabricadas. Como não compreendes fundamentalmente, o que és capaz de fazer? Precisas de examinar atentamente; olha para ver de onde vem o não compreender.

Queres saber? Este teu não compreender vem basicamente de parte nenhuma. Como vem de parte nenhuma, como poderia este não compreender ser? E quando compreendes, o não compreender não vai a parte alguma. Quando olhas para isto desta forma, podes estar certo de alcançar clarificação.

Enquanto não souberes ser pessoa em plena realidade iluminadora, só exercitas a mente no mundo mundano. Se nunca tiveste um instante para olhar para esta questão, como poderias compreender de imediato? Quando alguém te faz uma pergunta, respondes ao acaso; mas isto não é questão que se possa tratar assim.

Nos velhos tempos ouvi um velho mendigo contar que o mestre Xianglin viu um buscador a aproximar-se e disse: "Não nego que possas falar disso, mas ao fim de dois ou três degraus já não és mais assim. Melhor não falares à toa!" Vê como os antigos examinavam a partir da raiz como as pessoas deviam proceder. No budismo, nada de desperdício é razoável; alcança compreensão disso!

Princípio e Fenómenos

O grande mestre Yunmen disse: "Se ainda não alcançaste, por agora segue o princípio para obter discernimento." Os estudantes de Zen devem também proceder de acordo com o princípio, não sendo tão presunçosos ao ponto de esperar algo transcendental.

Em geral, os estudantes de hoje fazem do fenómeno um extremo e do princípio outro extremo. Isto causa-lhes desconforto físico e mental. Porque não fazer com que os fenómenos estejam sempre em conformidade com o princípio?

Sem sequer falar dos fenómenos desde o tempo sem princípio, basta considerar o instante da concepção, quando há uma mudança súbita no corpo físico e no mundo material; a partir daí, tudo é fenómeno. Cada elemento diverso no corpo condicionado é um fenómeno. Agora mesmo, como podes limpar a tua mente destes fenómenos para conformar-te ao princípio?

Os fenómenos têm formas discretas, enquanto o princípio é informe. Uma vez que os antigos realizaram o princípio, adaptaram-se aos fenómenos em conformidade com o princípio. Não leste como alguém uma vez bateu palmas e riu ao ouvir um sinal soar, dizendo: "Compreendo! Compreendo!" Não é isto aprender seguindo o princípio? Porque não observar assim vinte e quatro horas por dia, fazendo trabalho interior assim? Eventualmente amadurecerá, e harmonizar-te-ás naturalmente com o princípio.

Um dos mestres Zen originais disse: "Se queres alcançar harmonização rapidamente, fala apenas de não-dualidade." Não se trata apenas de dizê-lo e de imediato compreender; deves realmente alcançar harmonização antes de o realizares. Guishan disse: "Fenómeno e princípio não são dois; o verdadeiro Buda é talidade tal como é."

Vi muitos que não conseguem seguir o princípio; quando o tentam, viram-no logo do avesso. Fazem interpretações teóricas inúteis dos ditos e casos-modelo dos antigos, dos seus

diferentes desafios, registos de discursos sazonais e das modalidades das suas escolas, considerando isto estudo Zen. Que miséria! O estudo do caminho não é isto.

As pessoas das gerações posteriores são ainda mais ignorantes; passando dez ou quinze anos em vã presunção, não alcançam nada de todo. Adquiriram inconscientemente hábitos de pensar em si mesmos e nos outros, e quase nunca pensam na questão da independência. Como serão no futuro?

Não fiquem aqui parados — cada um descubra por si.

Chaves da Mente Zen
Não deves estabelecer limitações no vazio ilimitado, mas se estabeleces o ilimitado como o vazio ilimitado, encompasses a tua própria queda. Portanto, aqueles que compreendem o vazio não têm conceito de vazio.

Se as pessoas usam palavras para descrever a mente, nunca apreendem a mente; se as pessoas não descrevem a mente em palavras, ainda assim não apreendem a mente. A fala é fundamentalmente mente; não a apreendes por a descreveres. O não falar é fundamentalmente mente; não a apreendes por não a descreveres. Quaisquer compreensões que uses para a aproximar, nenhuma corresponde à tua própria mente.

Um alto mestre disse: “É apenas harmonia tácita.” Porque é assim, se ainda não alcançaste o caminho, simplesmente não entretenhas pensamentos falsos. Se as pessoas reconhecem pensamentos falsos e deliberadamente tentam pará-los, é porque vêem que há pensamentos falsos. Se sabes que tens pensamentos falsos e deliberadamente praticas contemplação para obter percepção da verdade, isto também é ver que há pensamentos falsos. Se sabes que a falsidade é fundamentalmente o caminho, então não há falsidade nele.

Portanto, aqueles que dominam o caminho não têm qualquer realização. Se o caminho fosse buscado por intenção deliberada, o caminho seria algo alcançado. Basta não procurar noutro lugar, e perceber que não há confusão nem falsidade; isto chama-se ver o caminho.

Nos tempos recentes, todos dizem: “Nada não é o caminho.” São como pessoas sentadas junto a um cesto de comida a falar sobre comer; nunca podem saciar-se, porque não participam elas próprias.

A realização obliterar a divisão sujeito-objecto; não é que haja algum princípio misterioso além disso. Nas tuas actividades diárias, quando vês formas, isto é um exemplo de realização; quando ouves sons, isto é um exemplo de realização; quando comes e bebes, isto é um exemplo de realização. Cada particular está sem sujeito nem objecto.

Isto não é uma questão de prática prolongada; não depende de cultivo. É porque é algo que já está presente. As pessoas do mundo, que não o reconhecem, chamam-lhe vaguear sem rumo. É por isso que se diz: “Só pela realização experiencial se sabe que é insondável.”

As pessoas que estudam o caminho sabem claramente que isto existe; porque não recebem então a mensagem e continuam a duvidar? É porque a sua fé não é suficientemente completa e a sua dúvida não é suficientemente profunda. Só com profundidade e completude, seja fé ou dúvida, é realmente Zen; se não fores capaz de introspecção assim, acabarás por te perder em confusão e perder o fio, desgastando-te e tropeçando a meio da estrada. Mas se conseguires olhar para dentro de ti, não há mais ninguém.

Uma vez que dizemos “esta questão”, como podemos conhecê-la mais do que isso? “Conhecimento” pode ser pensamento arbitrário, mas esta questão em si não se perde. O caminho não se revela apenas após explicação e direcção; é inerentemente sempre aberto.

Explicação e direcção são métodos expedientes, usados para te levar a realizar a iluminação; são também desvios temporários. Alguns alcançam realização através da explicação, alguns entram através da direcção, alguns alcançam por despertar espontâneo; em última análise não há diferença, não há realização separada. É simplesmente uma questão de chegar à fonte da mente.

As pessoas dizem que praticar cultivo apenas depois de realizar a iluminação pertence à esfera da metodologia curativa, mas o Zen também admite usar o verdadeiro conhecimento e visão como cura. Em termos de um indivíduo particular, no entanto, isto pode não ser necessário.

“O caminho do estado de Buda é eterno; só após longa perseverança em trabalho árduo pode então ser realizado.” É contínuo através de passado, presente e futuro; o comum e o sagrado são uma talidade única — é por isso que se diz que “o caminho do estado de Buda é eterno.” Se não produzires visões diferenciadas, nunca o deixas — este é o sentido de “longa perseverança em trabalho árduo.” Em última análise não há realidade separada — por isso se diz que “pode então ser realizado.”

Isto é assunto para pessoas fortes. Pessoas que não discernem o que está a ser perguntado dão respostas conforme lhes ocorre. Não sabem que é algo que perguntas a ti mesmo — a quem responderias? Quando as pessoas não compreendem uma resposta, produzem visões baseadas em palavras. Não sabem que é algo que respondes a ti mesmo — que verdade encontraste, e para onde conduz? Por isso se diz: “É tudo tu.” Vê! Vê!

Alguns dizem: “Os ensinamentos verbais transmitidos pelos iluminados desde os tempos antigos circulam pelo mundo, cada um nitidamente claro. Porque é que isto é tudo si mesmo? Isso é ingratidão profunda para com a bondade dos antigos sábios.” Respondo agora que sigo na verdade a mensagem de origem dos iluminados; vós é que lhe virais as costas, não eu. Se dizeis que eles têm alguma doutrina, estais assim a difamar os iluminados.

Não sejas alguém que finalmente corta a semente da iluminação! Se não discernires o supremo em ti mesmo, tudo o que fizeres será artificial. Por mais que memorizes, ou quantas palavras compreendas, não te será de benefício. Assim se diz: “Queres escutar atentamente o Buda; porque não escuta o Buda a si mesmo? Se procuras um Buda formal fora da escuta, não se assemelhará a ti.”

Um adepto disse: “Para mim fazer uma afirmação em resposta a ti não é particularmente difícil; agora, se conseguisses compreender a partir de uma única palavra, isso sim seria algo.” Se não compreendes, então falhei.

Os estudantes de hoje consideram todos que pergunta e resposta são essenciais ao Zen, sem perceberem que isso é uma atitude conceptual de agarrar e rejeitar. Termos como “estudo em referência ao princípio” e “estudo em referência ao fenómeno” são expressões cunhadas recentemente. Mesmo que tenhas um pouco de percepção, ainda assim não deves parar; não ouviste já que o caminho do nirvana visa a libertação absoluta?

Tens de ser capaz de vigiar-te a ti mesmo. Quando as pessoas avançam no caminho porque estão confusas e não conhecem as suas próprias mentes, vêm a florestas nas montanhas para ver mestres, imaginando que existe um “caminho” especial que pode tornar as pessoas

confortáveis, sem perceberem que o melhor exercício é olhar para trás e estudar a sua confusão anterior. Se não chegas até aqui, mesmo que vás para as montanhas para sempre, será um acto inútil.

A confusão é extremamente acessível, mas difícil de penetrar. É por isso que os antigos sábios disseram: "É difícil de acreditar, difícil de compreender." Esta é uma explicação do caminho característica da escola instantânea. Olhar para trás no que se passou já é uma expressão de mudança; mas e se não o fizeres? As gerações posteriores acabaram por tomar esta afirmação como simples ordinariedade, mas isto não passa de falha de compreensão e absorção por parte dos estudantes mais tardios.

Desde tempos imemoriais, houve dois tipos de método: há o método verdadeiro, que é o que se chama exposição sem interrupção; depois há o método expedito, que é o que se refere à resposta subtil a todos os potenciais. Se obténs entrada pelo método verdadeiro, compreendes espiritualmente de maneira natural e espontânea sem precisar de fazer uso da contemplação, nunca regredindo, com inúmeras capacidades maravilhosas. Se obténs entrada pelo método expedito, tens de "ocupar o assento, vestir a roupa e depois ver por ti mesmo" antes de poder alcançar. Isto ainda não pode ser considerado supremo. Estes dois métodos são uma só realidade e não podem ser perdidos nem por um instante; os estudantes devem reflectir sobre isto.

Xuefeng disse às pessoas: "Não me façam proferir uma afirmação que se refira a vós; se há uma afirmação que se refere a vós, de que serve?" É simplesmente que o antigo não tinha escolha e não podia evitar falar nestes termos; as pessoas posteriores, que não compreenderam a intenção do antigo, pensaram que significava que não havia nada a dizer sobre si mesmo; assim entenderam mal.

As pessoas de hoje em dia tomam sobretudo a consciência imediata que espelha como sendo o princípio supremo. É por isso que Xuansha disse às pessoas: "Digam-me, ainda existe em lugares remotos, desabitados, nas profundezas das montanhas?"

A iluminação da mente e ver a sua essência devem ser como Xuefeng e Xuansha; a aplicação genuína à realidade deve ser como Nanquan e Zhaozhou. Os estudantes de hoje apenas tomam os métodos dos antigos como sendo o caminho do Zen; não conseguem estudar a partir da mesma fonte de onde os antigos estudaram.

É como um homem forte a carregar uma carga pesada sobre uma ponte de troncos sem perder o equilíbrio. O que o sustenta assim? Apenas a sua atenção una e focada. Trabalhar no caminho é também assim; como se diz nas escrituras, um leão tem toda a sua força quer esteja a caçar um elefante ou um coelho. Se perguntas de que força precisamos ter toda, é a força de não-enganar. Se vires algo que, ainda que minimamente, seja diferente da mente, perdes a tua própria vida. Assim, para aqueles que alcançam o caminho, nada há que não seja isso.

Esse poder é muito grande; é apenas que a função desse poder é enfraquecida pelas infecções de percepções erróneas ilimitadas. Sem todos esses diferentes estados, diferentes condições, diferentes enredos e diferentes pensamentos, podes transformar-te livremente, como quiseres, sem obstáculo algum.

Não deves forçar-te a procurar o caminho; se o procurares, perderás o caminho. Não precisas de te esforçar para tornar as coisas fluidas; se tentares torná-las fluidas, as coisas permanecem

como são. Se nem procuras nem tentas produzir fluidez, o caminho fundir-se-á com as coisas; então que coisa não é o caminho?

Imagina um homem de olhos claros que entra numa mina de jóias mas não sabe como proceder; ou seja, supõe que pensa poder entrar sem uma tocha para iluminar o caminho. Então, quando bate com a cabeça e se magoa, pensa que é uma gruta perigosa, não uma mina de jóias. Uma pessoa inteligente, ao entrar, levaria uma lâmpada para iluminar a mina e ver; então todo o tipo de jóias poderiam ser escolhidas à vontade e levadas. Do mesmo modo, deves usar a luz da visão e da sabedoria vinte e quatro horas por dia, não deixando que os seis campos dos objectos sensoriais te firam.

Nos tempos antigos, o líder de assembleia Yong despediu-se de Fenyang junto com Ciming, mas Yong ainda não tinha realizado completamente o maravilhoso; embora tivesse seguido Ciming durante vinte anos, não estava, afinal, livre e sem entraves. Uma noite sentaram-se à volta do braseiro até muito tarde; Ciming pegou nas tenazes, bateu nas brasas e disse: “Líder Yong, Líder Yong!” Yong clicou a língua e disse com desaprovação: “Demónio astuto!” Ciming apontou para Yong e disse: “Este velho cansado ainda continua assim!” Desta forma, Yong finalmente realizou o fim supremo. Contudo, continuou a seguir Ciming até ao fim da vida. Sempre que Ciming colocava questões complexas e estimulantes que os estudantes não conseguiam responder, apenas Yong acertava no alvo, e Ciming acenava em aprovação.

Isto chama-se medicina sem doença. Poucos dos que a estudam alcançam o essencial; quanto mais os meros intelectuais dos tempos posteriores, que não têm forma de compreender esta questão. O teu alcance dela deve ser como o de Yong, a tua activação da medicina deve ser como a de Ciming; então, com sorte, estarás bem.

Quando encontras paz e quietude no meio da agitação e do clamor, então vilas e cidades tornam-se florestas de montanha; as aflições são iluminação, os seres sencientes realizam o verdadeiro despertar.

Estas afirmações podem ser proferidas e compreendidas por todos os principiantes, que as interpretam como equanimidade uniforme; mas depois, quando deixam a mente vaguear, o comum e o espiritual voltam a dividir-se como antes, a quietude e a actividade funcionam separadamente. Assim, é óbvio que isto era apenas uma compreensão intelectual.

Tens de realmente experienciar uma paz estável antes de alcançares a unidade; não podes forçar a compreensão.

Nas gerações recentes, muitos passaram a considerar o diálogo de pergunta e resposta como o estilo da escola Zen. Não compreendem do que tratavam os antigos; perseguem apenas minudências, e não regressam ao essencial. Que estranho! Que estranho!

As pessoas dos tempos antigos faziam perguntas por causa da confusão, procurando realização real através das suas questões; quando recebiam uma única afirmação ou meia frase, levavam-na a sério e examinavam-na até a penetrarem. Não eram como as pessoas de hoje que colocam perguntas ao acaso e respondem com o que lhes sai da boca, fazendo de si próprias motivo de riso.

As pessoas que alcançam estudam o caminho vinte e quatro horas por dia, sem o abandonar por um momento. Mesmo que não tenham acesso a ele, cada instante de pensamento já cultiva a aplicação prática. Costuma-se dizer que a prática cultivada não vai além da purificação de mente, fala, acção e dos seis sentidos, mas o caminho Zen não é

necessariamente assim. Porquê? Porque a concentração Zen é igual à visão transcendente em cada instante de pensamento; onde quer que estejas, naturalmente não há males. Eventualmente, um dia, o chão da mente torna-se completamente claro, e alcanças a realização plena. Isto chama-se absorção numa só prática.

Hoje em dia as pessoas trabalham apenas o poder de concentração e não abrem o olho da visão. Para elas, ensinamentos e ditos tornam-se apenas argumentação, actividade mental instável.

O estudo do Zen não é um assunto pequeno, mas não precisas de transcender os Budas e superar os adeptos; no entanto, uma vez alcançado, não será difícil transcendê-los e superá-los, se assim o desejares.

Meditação Sentada
A luz da mente reflete-se no vazio;
a sua substância é desprovida de relativo ou absoluto.
Ondas douradas por todo o redor,
o Zen é constante, em acção ou quietude.
Pensamentos surgem, pensamentos desaparecem;
não tentes cortá-los.
Deixa-os fluir espontaneamente —
o que alguma vez surgiu e desapareceu?
Quando o surgir e o desaparecer se aquietam,
aparece o grande mestre Zen;
sentado, reclinado, a caminhar,
nunca há interrupção.

Ao meditar, porque não sentar?
Ao sentar, porque não meditar?
Só quando compreendes desta forma
é que se chama meditação sentada.
Quem é que se senta? O que é meditação?
Tentar fixá-la
é usar Buda para procurar Buda.
Buda não precisa de ser procurado;
a procura leva-te mais longe.
Ao sentar, não olhas para ti mesmo;
a meditação não é uma arte externa.

No início, a mente é ruidosa e indomável;
não há outra escolha senão reconduzi-la.
Por isso existem muitos métodos
para ensinar a observação tranquila.
Quando te sentas ereto e recolhes o espírito,
primeiro dispersa-se em todas as direcções;
ao longo do tempo, eventualmente acalma-se,
abrindo e libertando os seis sentidos.
Quando os seis sentidos descansam um pouco,
surge a discriminação neles.

Assim que a discriminação surge,
parece produzir o surgir e o desaparecer.

As transformações do surgir e do desaparecer
vêm das manifestações da própria mente.
Usa a tua mente para olhar uma vez para trás:
uma vez regressado, não precisas de o fazer de novo;
trazes um halo de luz sobre a cabeça.
As chamas espirituais saltam e brilham,
sem obstáculos em qualquer estado mental,
tudo-inclusivas, tudo-penetrantes;
nascimento e morte cessam para sempre.

Um único grão de elixir restaurador
transforma ouro em líquido;
as impurezas adquiridas do corpo e da mente
não têm como atravessar.
Confusão e iluminação são temporariamente
explicadas;
pára de discutir oposição e acordo.

Quando penso cuidadosamente nos tempos antigos
em que me sentei friamente a procurar,
embora não fosse nada diferente,
era bastante confuso.
Podes transformar-te de mortal comum em sábio
num instante, mas ninguém acredita.
Por toda a terra há obscuridade;
melhor ser muito cuidadoso.
Se acontece que não sabes,
então senta-te direito e reflecte;
um dia darás de caras com isso.
É o que humildemente espero.